

ensaïos sobre o tudo e o nada



Héctor Enrique Giana

Héctor Enrique Giana

*ensaños
sobre o tudo
e o nada*

- 2016 -

2016, by Héctor Enrique Giana - 1ª. edição

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer parte desta edição, por qualquer meio, sem a expressa autorização do autor. A violação dos direitos do autor (lei nº. 5.998/73) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

FICHA CATALOGRÁFICA
CIP - Brasil

Giana, Héctor E.

ensaios sobre o tudo e o nada

São José dos Campos - SP, Edição do Autor

ISBN nº. 978-85-919806-1-1

Índice para catálogo sistemático

- 1. ensaios sobre o tudo e o nada**
Ficção e Contos Brasileiros

LUTE COM DETERMINAÇÃO,
Abraçe a vida com **PAIXÃO**,
PERCA com classe e
VENÇA com *OUSADIA*.
O MUNDO **PERTENCE**
a quem se **ATREVE**
e a **VIDA** é **MUITO**
para ser insignificante.



Charles Chaplin

SUMÁRIO

PRÓLOGO	9
INTRODUÇÃO	16
FALTA DE INSPIRAÇÃO	17
HOJE MELHOR DO QUE ONTEM	19
ACERCA DO DIÁLOGO COM PASCAL	21
DEVANEIOS SOLTOS	24
DORMI REALMENTE?	26
E POR FALAR EM SONHOS	28
<i>Amiga</i>	29
E POR FALAR EM SONHOS (2)	32
EM TEMPO	35
SEM REMEDIO	38
MAIS PASCAL	40
UM POUCO DE HISTÓRIA	45
<i>Reflexão do Tradutor das Reflexões, ou Texto para José</i>	46
AS BALEIAS AMIGAS	56
COMO CHEGUEI AO MUNDO	60
ENCONTRO COM ÉDOUARD SHURÉ	63
A IDÉIA DA MORTE	70
DIÁLOGO COM BACON	75
MAIS UMA HISTÓRIA	80
POETA?	85
QUEM DISSE QUE EU MUDEI?	89
O EU E O DESENVOLVIMENTO INTERIOR	92
O PARADOXO DO TEMPO	95
O VINHO QUE NUNCA TOMEI	98
A VERDADE	102
ENCONTRO COM OS MÚSICOS	107

ensaios sobre o tudo e o nada

PRÓLOGO

Julia M. S. da Cunha, 22 anos

Antes de começar a ler, já me perguntei: “O que será que meu avô está considerando como o tudo? E como o nada?”. Percebe-se então que o leitor é levado ao caminho da filosofia desde o título do livro.

“Ensaio sobre o tudo e o nada” começa de forma sutil e delicada, como se estivéssemos navegando em águas calmas que fluem vagarosamente, quando de repente nos vemos à beira de uma imensa cascata que nos faz perder o chão e as certezas que tínhamos sobre a vida. É aí que está a mágica de filosofar, de sair da zona de conforto e afrontar o mundo à fora... e o mundo à dentro.

Por meio de questionamentos o escritor nos inicia à filosofia. O que estamos fazendo neste mundo? Qual a importância da nossa existência? Que sou eu? Eu sou? Ou vou vir-a-ser? Aonde tudo isso acaba? Estamos no meio de um processo chamado vida? Ou ela é apenas o começo de algo muito maior? Ou o fim?

Mais uma vez meu avô nos faz sair do mundo alienado e homogeneizado por uma cultura de pessoas cada vez mais céticas e preguiçosas. A filosofia por traz deste livro é tão profunda que nos leva ao nosso âmago, ao nosso universo particular e além de tudo, nos ensina a deixar fluir nossos pensamentos sem colocar barreiras nele, pois como dizia nosso ilustre mestre Albert Einstein “o impossível existe até que alguém duvide e prove o contrário”.

Por isso convido a todos que buscam algo a mais da vida, algo que talvez ainda esteja imperceptível aos nossos olhos, a ler

ensaios sobre o tudo e o nada

“Ensaaios sobre o tudo e o nada” e mergulhar nessa imensidão de sonhos, de realidades e de sonhos-reais.

Vô, eu venho mergulhando com você nesse mundo paralelo desde que nasci. Obrigada por me dar a mão e me fazer acreditar em coisas julgadas inacreditáveis. Obrigada por também me fazer duvidar delas... (ainda não consegui provar o contrário, então sigo acreditando e duvidando). Hoje, filosofar faz parte do meu eu interior e pode ter certeza que eu passarei está mágica do saber para os meus filhos e assim por diante.

Com muito amor,

Sua neta Julia.

ensaios sobre o tudo e o nada

Gabriel Soares de Lima, 20 anos

O livro com devaneios, momentos filosóficos do autor e até alguns sonhos, entretém com anormais histórias engraçadas e com isso discorre sobre diversos assuntos a cerca do cotidiano, porém sem ser monótono como o próprio cotidiano, filosofa também sobre alguns mistérios do universo tais como a morte, o tempo e o nascimento. Com simples histórias divididas em pequenos capítulos o autor faz com que o leitor saia do conforto da rotina e questione o mundo em que vive.

Além disto com a ajuda da sua "maquina do tempo" o autor te leva a lugares totalmente distintos e em épocas remotas com o simples ato de mudar de página ou de parágrafo. Com isso o autor possibilita ao leitor conhecer ilustres figuras da história como o filósofo Francis Bacon e o matemático Blaise Pascal, mas não só conhecer como também adentrar em suas casas, conversar, conhecer suas ideias e contra argumentá-las.

Todos os devaneios e viagens no tempo estão em histórias simples e interessantes, divididas em pequenos capítulos de um livro curto mas que não deixa de entreter, divertir e ao mesmo tempo levar a reflexão e fazer pensar.

ensaios sobre o tudo e o nada

João Victor S. de Lima, 18 anos

Acredito no poder da palavra. Acredito em quão aberto e sinestésico o mundo da escrita pode ser, trazendo consigo uma carga enorme de sentimentos e emoções. No entanto, ao ler este livro, surgiu em minha cabeça uma pergunta que não cabe em apenas palavras... Afinal, quais as definições, de fato, para o Ensaio e o sentido da vida? O costume de aceitar tudo o que nos é imposto, tira-nos a liberdade de criatividade e imaginação, atualmente. Por exemplo, por que, tão impossível, acariciar uma baleia?

A alienação social que circunda o mundo em que vivemos, tem como base a exclusão dos sentidos e instintos simples da vida. O inimaginável, no entanto, é o que move esta obra, quebrando paradigmas e situações, antes não acreditadas, que fazem com que o leitor crie fatos em sua cabeça de proporções consideradas, no mínimo, inconcebíveis pelo mundo fático.

Os significantes, compilados, geram significados um tanto quanto pessoais. Desse modo, a interpretação do universo paralelo, no qual fui posto quando li "Ensaio Sobre o Tudo e o Nada", me gerou uma certa dúvida sobre o que, efetivamente é a vida no âmbito real-filosófico. São os sonhos, verdadeiras formas de comunicação com o mundo extraordinário? Melhor, O que seria o mundo extraordinário? Pessoalmente, tentei responder a essas perguntas em minha cabeça. Sequer, cheguei a alguma conclusão.

Destarte, esta obra, com certeza, inspira e instiga o lado mais profundo e profano do ser humano. Traz o essencial do pensamento filosófico ao invés de, somente, despertar o lado superficial de cada um. Quem sabe, não acabamos de ensaiar a discussão sobre o tudo e o nada?

ensaios sobre o tudo e o nada

Pedro Enrique S. de Lima, 20 anos

É com grande respeito e vontade que escrevo este prefacio. É uma honra escrever um prefacio para um autor tão inspirador como este, um homem muito inteligente e vivido, com diversas estórias para contar, e qualquer livro que tenha sido escrito por ele será uma leitura gostosa que acrescentará os conhecimentos e a cultura do leitor.

O livro, apresenta muitas estórias, fictícias e verdadeiras, que acompanham o enredo de forma simples, e carregam consigo a essência de um homem com muita experiência de vida. O livro veio para espelhar em suas paginas o conteúdo da mente brilhante que é a do autor, por isso sua leitura acrescenta o intelectual dos leitores.

ensaios sobre o tudo e o nada

Carolina S. de Lima, 16 anos

É uma honra ter a oportunidade de prefaciar o livro do meu avô, um homem inspirador, motivador e inteligente, que neste livro nos traz à luz com suas histórias nos ajudando a transpor uma viagem entre o mundo imaginário e o real.

O livro nos mostra que nos sonhos não existem fronteiras nem distâncias e o tempo é elástico, não havendo limites nem barreiras, pois somos livres para voar, sentir e chegar aonde queremos.

A leitura nos leva à busca pelo perfeito, pelo infinito.... e principalmente ao auto conhecimento.

Sonhar é preciso sempre.... quem não sonha não vive.”

ensaios sobre o tudo e o nada

Sophia, S. de Lima, 12 anos

Na hora que bati o olho na capa, eu me perguntei: o que ele quer dizer como tudo? E como nada? Antes de começar a ler o livro eu pensei: 'Meu avô é muito filósofo, então deve ser algo ligado à filosofia.

No entanto, quando terminei de ler, eu estava certa! Ele filosofa de várias coisas como os mistérios dos seres humanos ligados à vida e a suas experiências, por exemplo.

Ele conta sobre os sonhos dele ligados ao que, de fato, é real mas sempre com uma mensagem a ser passada, que serve, um tanto quanto uma lição.

Enfim, adorei ler este livro e conhecer um pouco da sua mente vovô.

Esperarei ansiosamente pelos próximos.

INTRODUÇÃO

O título deste livro é sugestivo e às vezes pode confundir o leitor mais desinformado. Se levarmos em conta a definição pura e simples, podemos definir o ensaio como um texto que evidencia ideias e reflexões do escritor, seus pontos de vista sobre assuntos variados e pungentes.

A filosofia do tema, que trata ao mesmo tempo de tudo e de nada, já podendo ser assuntos de muito ou de nenhum interesse por parte de quem lê, não pretende ser uma verdade absoluta, mas discorrer acerca das coisas simples da vida olhadas desde um ponto de vista diferente.

Tenho feito um grande esforço para conversar com pessoas mortas, e neste livro foi possível, com resultados satisfatórios, já que o interlocutor não pode se defender frente a nenhuma acusação nem rebater nenhuma crítica. De qualquer maneira, valeu o diálogo construído sobre os temas que eles bem entenderam em vida.

Também resolvi que o prefácio deste livro seria diferente. Sempre chamamos alguém conhecido e respeitado para escrever sobre a obra, esperando que os seus dizeres impulsionem sua distribuição. Em lugar disto, chamei meus netos, os menores, os médios e os maiores, todos os seis, para que escrevam aqui o que acham do relatado pelo avô. Por um lado, exercito a sua leitura e, pelo outro e principal, tento despertar a veia literária de escritor que existe em cada um de nós.

Acho que ninguém leu alguma única vez um livro de filho ou neto de escritor, talvez por causa dos próprios progenitores que não os incentivaram nem à leitura de sua própria obra nem insistiram em torná-los escritores. Com esperança de poder depositar uma semente literária nos meus, peço que leiam esta obra e teçam comentários acerca do que acharam.

Espero igualmente que sejam magnânimos comigo, não pelo parentesco que nos une, mas pela análise real da obra. O que eles disserem será colocado, em suas palavras, sem mudar uma única vírgula. Este será um exercício de duas vias, pois não tenho experiência neste assunto.

Finalmente e agradecendo sempre, espero que o leitor aprecie a obra e, se desejar, me retorne ao e-mail que deixo disponível, com críticas e sugestões que possam acrescentar ideias para o próximo livro.

Héctor Enrique Giana

FALTA DE INSPIRAÇÃO

Sentado frente a mim mesmo, tentando encontrar palavras, arrancando inspiração do único lugar possível, minha alma sofre a mudez do barulho silencioso de minha pobre mente, que clama por frases e ideias apelando ao cerne do meu ser. Bem em frente, está a tela retangular do microcomputador, esbranquiçada pela lauda vazia no centro dela, a qual espera pacientemente que as letras apareçam lentamente a princípio e bem depressa depois, objetivando compor algumas frases.

Não encontro nada... Em vão tento mergulhar profundo em minhas lembranças ou relembrar sonhos esquecidos que tragam um pouco de luz para esta nívea página. O relógio do meu pulso, adiantado como sempre, me olha risonho no seu rítmico caminhar rumo ao futuro. Imagino que pense – se é que relógios pensam - que a culpa da falta de tema se deva a não ter anotado os sonhos sonhados em noites mal dormidas, e que a mente, preguiçosa demais para deixar o corpo levantar-se, convenceu a si mesma que ao amanhecer do outro dia lembraria com detalhes, ou à falta de escrever os pensamentos desordenados que por vezes acontecem.

Enfim, de nada vale lamentar o perdido. O tempo continua passando e a folha ainda em branco do meu ensaio possível continua no mesmo lugar, olhando diretamente nos meus olhos e implorando que deposite algumas letras sobre ela. É bem sabido por todos que uma folha em branco nada tem a dizer e transita a vergonha do nada! Será possível que este seja o ensaio do nada?

Percebo, no entanto, que à medida que vou pensando acerca da cruel natureza da mente em querer

ensaios sobre o tudo e o nada

fazer seu próprio caminho independentemente da emoção e do sentimento, ideias novas vão surgindo e, numa primeira análise, tornam-se viáveis para desenvolvê-las desde um ponto de vista pouco literário para ser transformado em ensaio. Mas não importa; quem nesse mundo se importa com este tipo de literatura? Haja vista que o que nos é oferecido para ler e o que se encontra no dia-a-dia nas abarrotadas prateleiras das bibliotecas e livrarias – cada vez menos visitadas em função da nova moda da leitura virtual sem o característico cheiro do tradicional papel - mal serve para manter aceso o inútil barulho mental de quem lê, quanto mais para causar algum tipo de pensamento mais profundo e que mereça análise mais detalhada.

Estando o dia de hoje perdido para fazer prosa, já que os pensamentos mal conseguem se expressar, vou me despedindo até que a musa inspiradora resolva fazer-se presente em minha vida. Talvez amanhã... ou quem sabe quando.

HOJE MELHOR DO QUE ONTEM

Decidi apelar para o truque de recordar uma frase qualquer e criar uma correspondência poética para o futuro texto. Depois de buscar em minha memória e nada encontrar, fui procurar nos livros da minha coleção. Oh, que fonte de inspiração!! Frases ainda sem sentido parecem mágicas e a inspiração sobre elas vai brotando do coração como água do manancial. Plágio, dirão! Quem sabe... todos plagiamos alguma coisa... sempre. Mas neste caso, me isento do fato pela criatividade ousada sobre uma frase antes dita.

O medo de escrever coisas que alguém já escreveu se agiganta. Hoje, na Internet, encontramos todo tipo de escrito – é a memória do Universo, como dizem - e o temor de que alguém chegue e nos diga: *“Isto eu escrevi primeiro que você...”*, leva-nos a um impasse de consciência. Como ser original num mundo onde existem zilhões de palavras e frases já ditas??

Abro o livro de Pascal que comecei a ler algum tempo atrás. Lembro-me vagamente de haver lido algumas frases de impacto e tento novamente encontrá-las para começar a escrever algo. Como bem sei que Pascal não mais está entre os vivos e seus eventuais descendentes devem viver em outros territórios que não o Brasil, e provavelmente nem sequer devem haver lido seus escritos, arrisco emprestar-lhe uma frase para poder desenvolver meu tema. Creio que ele não irá a se incomodar em discutir comigo certos assuntos, mesmo que o direito de resposta e de defesa lhe tenha sido negado pela própria situação. Então, eu lhe darei voz...

Ele afirma que o exemplo de grandes homens muitas vezes nos ultrapassa por pensarmos que somos menos

ensaios sobre o tudo e o nada

virtuosos do que eles, sendo que, –a pesar de tudo-, os vícios que eles têm, pertencem à humanidade comum. Por mais elevados que sejam - ou pareçam ser - não estão suspensos no ar, alheios à nossa comum humanidade. Se nos parecem maiores é porque suas cabeças estão acima das nossas, mas seus pés chafurdam na mesma lama que nós pisamos. Esta condição nos torna iguais e deve nos tirar o peso da vergonha...

Bem, essa é a ideia central de suas reflexões; cabe a mim agora discorrer sobre o assunto sem parecer ousado ao querer erguer minha cabeça acima da sua, mas pensando nos pés que se encontram na mesma terra. Quem sou eu para contestar Pascal? Quem me dera a alegria de poder filosofar com ele frente a frente! Mas isso é impossível e terei que me contentar em simular esta conversa.

Como tenho liberdade de escolha, serei cada um de nós em tempos diferentes e, quando a discussão for conjunta e acalorada, limitar-me-ei a silenciar até que os ânimos se acalmem.

Deixo para amanhã o início da história, pois temo que seja longa e difícil. Os quase 400 anos de diferença dificultarão bastante o diálogo!

ACERCA DO DIÁLOGO COM PASCAL

Bati à porta com a aldrava de bronze, simulando o busto de um anjo. O barulho foi alto ecoando por dentro da sala. Alguns instantes depois, a porta se abriu e apareceu o mordomo com seu típico traje preto. Ele me disse: *“bon après-midi, Monsieur Pascal est en attente”*. Meu francês não é muito bom, mas mesmo assim entendi que o homem estava me aguardando.

Entrei na antessala e pude ver na sala contígua um homem de costas, sentado frente a uma mesa, desenhando o que parecia ser figuras geométricas. De repente voltou-se e me fez sinal para entrar e sentar-me numa poltrona de couro marrom. Ele se levantou e sentou-se à minha frente. À luz com reflexos dourados que saía da lareira consegui ver seus cabelos compridos e seu nariz aquilino, por debaixo de olhos pequenos, mas vivazes. O lampião de azeite que servia para iluminar seus escritos estava encoberto pelo seu corpo.

“Estava terminando um ensaio matemático” –disse. *“O senhor sabe que é minha ocupação habitual; nas horas vagas costumo filosofar sobre a vida”*.

Conhecia bem a ocupação habitual de Pascal como matemático e físico, pelos numerosos trabalhos e invenções que havia realizado, mas meu interesse era meramente filosófico e levei a conversa para esse lado.

O mordomo voltou com uma bandeja com um bule de chá e duas xícaras de fina porcelana de limoges, e a depositou sobre uma mesinha estilo Luiz XIV, que era o estilo que o governante do momento, o chamado Rei Sol, havia usado e divulgado na sociedade que hoje visitava.

ensaios sobre o tudo e o nada

Depois do último gole de chá, agradecendo polidamente o oferecimento, perguntei sem mais nem menos: *“Li uma frase sua que fala sobre a igualdade do homem comum com o extraordinário”*.

Não creio que quando, na década de 1620 Pascal dava seus primeiros passos, poderia imaginar-se conversando comigo hoje, alguém que vinha de um futuro que nem concebia nem imaginava ser como é. Sei que ele suspeitava que eu vinha de outro mundo, pelo modo de olhar para mim, pelas roupas diferentes que eu usava, pela franqueza com que o encarava numa época de muito respeito aos pensadores... Mesmo sabendo que ele havia sofrido a perda da mãe ainda quando era criança e de ter suportado um pai zeloso e exigente com sua educação, não dei trégua pela sua eventual retração de espírito e propus uma conversa de igual para igual.

Poderia ter escolhido para a prosa um tema matemático que ele tão bem desenvolveu, nas análises geométricas e aritméticas e sobre as quais tenho certo domínio, mas escolhi uma de suas frases teológico-filosófica por ser menos censurável e com maior chance de idealizar a situação em que me encontrava. De repente, perguntei-lhe em quem se havia inspirado ao proferir esta frase. Ele me olhou perplexo e desconfiado, os longos cabelos cobrindo-lhe parcialmente o rosto onde se destacava seu grande nariz aquilino, e suspirando profundamente me insinuou que sendo intensamente religioso não poderia simular a verdade, dizendo a seguir que se tratava de Alexandre. Este homem, a seu ver, era um exemplo de virtude e de pecado, sendo que o primeiro traço o colocava acima dos homens comuns, mas o segundo o igualava e o humanizava tirando-lhe aquele véu de semideus.

ensaios sobre o tudo e o nada

A princípio tive que concordar com ele, mas retruquei que o fato de haver sido o maior conquistador do mundo e de ter sido discípulo direto de Aristóteles já o colocaria num lugar de destaque, longe do comum dos mortais. Ele me olhou novamente e disse concordar parcialmente comigo. O que eu estaria esquecendo na minha análise era que o desejo de poder e o compulsivo complexo de superioridade que havia adquirido fez com que muitas das cidades por ele conquistadas foram obrigadas a adotar seu nome, entre outras manias de grandeza. Isto evidenciaria “seu pecado”.

Sugeri então que me desse uma razão para acreditar que estes episódios desmerecessem o fato de haver se tornado rei tão jovem, de um mundo em constante expansão fruto de seus muitos méritos militares. Ele não me deu; simplesmente me disse novamente que o considerava um grande homem, mas pequeno em seu agir inconsistente, o que o igualava a pessoas como ele mesmo e como eu. A diferença estava em que o comum dos homens nada realizou de grande e sua cabeça permanece no nível humano ordinário, e que ao olhar para cima vê destacada a cabeça dos grandes seres, mas que ao olhar para baixo não vai diferenciá-los mais, já que todos pisamos a mesma terra. O único ser conhecido que literalmente se elevou da terra foi Jesus, e este sim era um grande homem, cuja cabeça tocava o céu! Como sabia que ele professava a religião católica, nada acrescentei ao respeito.

Quando ia contra-argumentar disse-me que era hora de ir à missa e que essa era uma prática que reafirmava sua ideia; todos de joelhos no chão elevando suas preces para o alto, onde residem os que não tocam a terra com seus pés. Até o próprio Alexandre havia feito isso em relação à divindade antes do cristianismo aparecer!

DEVANEIOS SOLTOS

O papo que tive com Pascal me deixou melhor; agora me sentia leve e solto e podia comparar-me a grandes homens porque sabia que, na terra, éramos todos iguais. Na realidade a conversa foi mais para reafirmar meu desejo do que para contestá-lo, já que a única forma de ir adiante neste mundo é saber que somos todos iguais, independentemente de posição social ou intelectual. Isto nos dá ânimo novo para tentar crescer e fazer adiantar à humanidade no caminho do desenvolvimento.

Pensei: como evitar o avanço de amor próprio e do egoísmo, sabendo que caminhamos para a esfera do super-homem? É só saber que para atravessar a última porta todos temos que passar juntos, senão ninguém passa. Então é o mesmo ir à frente ou ir atrás; é uma questão de escolha pessoal, já que tendemos a ir ao mesmo sítio e o caminho pode ser mais ou menos sinuoso, dependendo de nossa escolha.

Uma vez me perguntaram sobre o tempo; o que achava de viver mais ou menos anos. Lembrei-me do conceito matemático do mais e menos infinito e do ponto intermediário que sempre é zero. Então, um, cem ou mil anos, na eternidade, é a mesma coisa. O importante não é “quanto”, mas sim “como”, ou seja, viver tão intensamente que não importe o ontem nem o amanhã; somente o hoje.

Claro, irão dizer-me: então se é tudo o mesmo, para que preocupar-se com as coisas? E eu repetirei o que muitos já disseram: deram-nos a vida de presente por algum motivo; alguém tinha um plano e desejava cumpri-lo através de nós. A manifestação do espírito universal se fez em pequenas porções, como para evitar a dor da

ensaios sobre o tudo e o nada

matéria. A ideia foi que cada pedaço apreendesse tudo o que pudesse para depois compor o todo novamente, com todas as informações reunidas na mente universal, a maior “mentoteca” de todos os tempos. E permanece aí, para ser consultada por todos, como um grande computador, como a Internet, com coisas boas e ruins, mas com a possibilidade do homem poder transcender e elevar-se até o pináculo do universo.

Nesse mundo, o sono e a vigília fazem parte do todo. Descansar é preciso, mas se pensarmos que passamos mais de um terço de nossas vidas dormindo, na média humana de 75 anos, perdemos 25. Claro, dirão que descansar é necessário para a recuperação das forças físicas, mas grandes homens aprendiam a dormir acordados e se alheavam somente uma ou duas horas por dia. Eles produziram muito mais do que nós, simples mortais, e seu produto intelectual perdura e serve de guia para o resto da humanidade.

E agora, como tenho pouco de grande homem, vou dormir para recuperar minhas próprias forças. Como dizem, amanhã será outro dia, e se a providência nos regala um novo amanhecer, renovaremos as chances de procurar nosso desenvolvimento... até o próximo sono.

DORMI REALMENTE?

Quando acordei, ou me dei conta de mim mesmo, ainda era noite. O relógio eletrônico de números grandes que comprei quando as cataratas de meus olhos não me deixavam enxergar, marcava duas e dez. Mas como..., se deitei pouco antes da uma hora da madrugada? Então somente fechei meus olhos por uma hora e pouco? Pois bem, como demorei quase meia hora para pegar no sono, então realmente dormi muito pouco...

Toquei o lado direito da cama e lembrei que minha companheira estava viajando. Um vazio enorme se apoderou de mim e minha mente, -ah! essa mente!- começou a rodopiar pelo mundo e não descansou mais até que os primeiros raios de sol entraram pela janela semi-aberta.

O que passou pela minha cabeça pensante em todo esse tempo é algo que não dá para descrever. Planejei o dia que estava amanhecendo, lembrei o dia anterior, viajei por mundos indescritíveis pela riqueza de cores, formas e odores, aqueles que só são possíveis no lusco-fusco entre o sono e a vigília, enfim, tudo aquilo que cabe numa mente que, na escuridão da noite e com todo o tempo do mundo, pode pensar.

Passou pela minha mente também o fato de que era muito comum em mim esse estado de coisas. O sono se postergava e a mente aproveitava para tecer milhares de situações que, no estado de vigília normal, não eram possíveis. Soltar a mente era uma coisa que havia aprendido desde criança por força das circunstâncias. Já me havia tornado príncipe de um país formoso, um importante homem de negócios, um poeta feliz da Idade Média, podia voar por onde quisesse burlando a lei da

ensaios sobre o tudo e o nada

gravidade, flutuando e arremetendo quando quisesse para lugares incríveis, enfim, minha liberdade de corpo e de alma era total. Esta ilusão certamente seria quebrada quando o sol chegasse e iluminasse meu quarto; isto sempre acontecia, mas nunca dei importância ao fato porque importava o resultado que, indelevelmente, ficava registrado em meu espírito.

Nesse meio tempo, lembrava-me de um poema que havia escrito em setembro de 94 - muitos anos atrás - chamado "sonhei", no qual também não tinha certeza se havia dormido ou não, e que dizia:

*Sonhei que sonhei
que ainda dormia.
No meio do sonho
acordado dormindo,
ou dormindo acordado,
eu desconhecia
se o sonho sonhado
qua agora ocorria,
é sonho desperto
ou desacordado,
ou então simplesmente
sonhei que sonhei
que ainda dormia
e ainda sonhei
que ainda dormia...*

Esfreguei os olhos com as palmas das mãos, pensei rapidamente e soltei uma exclamação: *"agora eu não sou ninguém! Vou andar que nem zumbi o dia todo!"*

Que nada... fiquei fresco como uma folha de alface recém retirada do pé! Nada de sono nem de preguiça. Levantei-me de um salto, tomei banho e fui trabalhar.

E POR FALAR EM SONHOS...

No trabalho não consegui concentrar-me. Mil figuras acudiam à minha mente querendo tentar explicar o inexplicável.

Lembrei-me de uma imagem que me persegue há muitos anos. Estava eu sentado em frente à televisão e vi na tela uma senhora assistindo um filme em sua própria TV. Dentro da tela do filme da TV da senhora, um garoto, sentado em frente à sua própria tela de televisão, também assistia alguma coisa que não pude distinguir mais pelo tamanho reduzido da imagem. Durante anos tentei deduzir o que significava esta louca imagem, mas nunca consegui.

Uma coisa é certa: eu era consciente da existência da mulher que assistia ao filme, e também do garoto do filme dela, sendo que a mulher à sua vez era consciente do garoto na tela de sua TV, mas não de mim, que a estava assistindo. Ao mesmo tempo o garoto era consciente de sua própria fita, mas não da senhora que o assistia nem de mim, que assistia os dois. Bem, isso significava certamente que eu poderia estar na tela de alguma TV assistindo os filmes anteriores e por trás de mim haveria alguém ou muitos outros me assistindo! Da mesma forma que a senhora não sabia de minha existência, nem o garoto, da existência da senhora, eu também não poderia saber da existência daquele ou daqueles que estavam me assistindo...

O pior de tudo foi constatar, pelo tempo do filme, que a senhora em questão e o garoto da tela da senhora já haviam morrido há alguns anos atrás. Claro que nesse instante eles estavam vivos dentro de suas respectivas telas mesmo que estivessem mortos a esse tempo na

ensaios sobre o tudo e o nada

minha vida de assistente de TV. Pensei rapidamente: eles estão mortos e não sabem... e eu então? Será que estou vivo somente nesta tela da vida, mas efetivamente morri e não tenho consciência disso? E os outros? Onde começa tudo e onde termina? Quantos há na minha frente e quantos há por trás de mim? Lembrei vagamente da teoria dos mundos paralelos e tentei adaptar a imagem a ela; não consegui.

Talvez, pensei, nos sonhos ocorra o mesmo fenômeno. Sonhamos com algo ou com alguém e lhe damos vida no momento do sonho; quando acordamos, o ser objeto do sonho morre até o próximo sonho, se o trazemos de volta... E se alguém estiver “me sonhando”? Como saber se o meu sonho não é o sonho transferido por outro? Isto significa que se eu sou objeto do sonho de alguém, na realidade eu não estou vivo, senão na imaginação de quem me sonha. E se quem me sonha morrer, eu morro junto com ele, já que minha existência está a ele ligada. Que confusão, não é mesmo? Vai ver que é precisamente por isso que não consigo dormir!

Recordei um poema sobre a sombra, que fiz há algum tempo. Minha sombra vive porque eu vivo. No momento em que eu morrer ela morre junto comigo:

Amiga

Sempre, desde que eu me lembro,
uma fiel amiga me acompanha,
discreta às vezes e outras evidente,
mas sempre perto, sempre atenta.

Nunca sequer me apontou um erro,
nem tampouco me disse nada,
silenciosa e paciente, fiel e solidária,
nunca de mim se separou, nem nada...

ensaios sobre o tudo e o nada

Quando o dia amanhece, me segue,
quando cedo anoitece, me deixa,
do lado de fora, sempre me espera,
nada cobra, nada diz, nada reclama.

As vezes a sigo, pois muito me atrai,
outras vezes vem por trás, sorrateira,
sempre aos meus pés, como adorando
o que nunca teve, nem terá jamais.

Não gosta do escuro, sempre ausente
quando nuvens cobrem o sol radiante,
sempre ausente quando a tarde se inclina,
e só volta a aparecer na manhã seguinte.

Que sutil seu ar distante e efêmero,
está viva somente porque eu vivo,
que será dela no futuro, em breve,
quando a morte finalmente me leve!

Sombra amiga, amiga e companheira,
sentirei saudades quando não mais te ver,
e saberei, nesse momento angustiante,
que nunca mais também eu me verei.

Bem, poderão apreciar que minha vida (ou suposta vida) não é nada fácil. Tentar entender o mundo onde vivemos ou onde pensamos que vivemos é tarefa hercúlea, com leve lembrança de loucura e de conflito existencial. Para isso existem os psicólogos e os psiquiatras: para tentar explicar-nos a realidade. Isso, é claro, se não os convencemos do contrário e formarmos um bom grupo de deficientes existenciais! Nesta matéria, eles serão os mais loucos, já que carregam os traumas e lembranças dos seus (*im*) pacientes.

Vejo muitos de meus amigos viverem felizes na terra do faz de conta, da realidade mundana, na qual não existem dúvidas nem incertezas sobre a vida e a morte,

ensaios sobre o tudo e o nada

e invejo a cada instante essa forma fácil de viver. Quem é que em são juízo irá se questionar se está vivo ou morto pelo simples fato de ligar a televisão ou deitar para sonhar o sonho dos justos? Muito mais simples seria alhear-se do mundo e viver cada instante como se tivéssemos todos os instantes do universo à nossa disposição.

Mas não posso, o destino quis que questionasse tudo, até a vida e a morte. E o pior de tudo é que sei que nunca irei desvendar este mistério e seguirei vivendo (ou morrendo) com a angústia existencial de não saber quem sou ou, se pelo menos, sou.

Neste devaneio todo, perdi a noção do tempo e já está escuro novamente. Vou me recolher à minha sala de TV para ver se "*possibilito a vida de alguém*" assistindo um bom filme. Só espero que quem me estiver assistindo não desligue o interruptor da sua TV, e se por acaso o desligar, que rapidamente se recolha a seu sono e me sonhe como antes, como sempre, com luxo de detalhes, assim posso viver mais um pouco neste mundo louco onde todos estamos, e poder seguir questionando minha (*in*) existência até descobrir tudo aquilo que há muito me atormenta.

E POR FALAR EM SONHOS (2)...

Liguei a TV e fiquei quase uma hora olhando para a tela. Se me perguntarem o que vi direi que não lembro. Minha cabeça ainda tentava entender o assunto dos sonhos e nada do que passava em torno de mim fazia a mínima diferença. Nada me importava e a obsessão crescente de tentar entender o mundo que existia através de mim mesmo não me deixava alternativa de pensar em outra coisa.

Decidi deitar; quem sabe poderia sonhar algo que me gossasse luz sobre a escuridão que me envolvia...

Creio que demorei umas duas horas para conciliar o sono. Digo creio, porque meu sono é muito superficial e nunca sei se durmo ou vigio.

De repente, vejo-me numa praça com bastante gente indo e vindo; eu andando em direção de uma rua estreita e escura, com minha carteira na mão. Mais ou menos no meio do quarteirão percebi que um homem maltrapilho, de uns cinqüenta e tantos anos me seguia, olhando fixamente nas minhas costas. Pensei rapidamente que queria minha carteira e apurei o passo. Ele também o fez e começou a correr um pouco tentando me alcançar. Num dado momento enfiou a sua mão no bolso da calça, segurou um objeto e o arremessou contra mim sem me acertar. Peguei o objeto do chão e o arremessei contra ele. Ele gritou e me disse que porque havia lhe lançado meu melhor perfume. Perfume? –pensei.. Obviamente queria me distrair.

Quase ao fim da ruela encontrei com dois homens mais jovens que observavam a cena. Um deles disse que o que vinha no meu encaço demonstrava tipicamente o desejo de me furtar. Disseram-me para

ensaios sobre o tudo e o nada

seguir adiante que eles o entreteriam para não me alcançar. Acreditei e segui em frente até que a rua começou a estreitar finalizando num portão de madeira. Olhei para atrás e vi os três homens rindo sorratamente, vindo em minha direção. Percebi então que estavam combinados de antemão e que o ardil fazia parte de um plano maior.

Sem pensar muito abri o portão e dei de cara com uma ampla sala, sem mobília, acabando em um corredor. Fechei o portão e segui adiante. Quando cheguei ao corredor encontrei-me com mais quatro ou cinco homens rindo da minha cara e falando que agora não teria escapatória.

Corri por entre meio deles e saí a um pátio-jardim com muita vegetação procurando uma suposta saída que não existia. Percebi então que era o fim do caminho e, sobressaltado, acordei. Que sonho estranho, -pensei. Não gostei nada dele nem como terminava no final. Como tenho facilidade para sonhar, mesmo desperto, ou no lusco-fusco entre o sono e a vigília, fechei os olhos e voltei propositalmente à praça do início do sonho. Lá estava o homem maltrapilho olhando para mim como da primeira vez. Em vez de seguir pela ruela, voltei-me para ele e o encarei de frente. Ele se assustou e fugiu correndo, provavelmente para procurar outro incauto que o sonhasse e lhe desse vida. E eu troquei de história com a mesma facilidade com que havia sonhado a primeira.

Sem poder dormir imaginei por que nos sonhos vamos e voltamos no tempo e na história sem maiores problemas, o que na vida real nos parece tão difícil. Quando tomamos um caminho que não apreciamos jamais podemos voltar atrás e caminhar outro sem o

ensaios sobre o tudo e o nada

assumir o custo do primeiro. Sabemos que existem numerosas possibilidades, mas só uma vinga e se torna real.

Deve ser por isso que existe tanta gente no mundo da lua, que vive sonhando, alheada do mundo real pela facilidade de acomodar as coisas sem custo aparente. Dizia um grande amigo meu, PD Ouspensky, que o homem pensa que sabe, ama, detesta, lê, escreve, empreende guerras, enfim, faz coisas, mas que na realidade nada faz, tudo acontece a si próprio, porque ele não maneja sua própria vida. Então, sonha que vive uma vida feliz e produtiva, mas não percebe que a diferença entre o sonho e a vida real é um abismo intransponível para quem não quer viver.

Por isso mesmo, tenho pavor do sono que sonha e procuro permanecer na vigília do sonho para que eu possa ditar as regras e não ser vivido por elas. Mas isso é tema de outra história que relatarei e que ainda tem seus inconvenientes, como veremos mais tarde.

EM TEMPO

Devo realmente pedir desculpas pela ausência destes dias (talvez o leitor não perceba, porque a continuidade do escrito é imediata, mas para mim, passaram-se mais de 20 dias...). Acontece que viajei para o exterior e lá não consegui escrever nada; visitas, passeios, enfim, nem sentei frente ao teclado nem rabisquei palavra alguma. Sentiram falta? Pois é, eu também, principalmente porque eu cobro vida e sou real quando vocês me lêem, caso contrário não sou mais do que outro sonho...

Este devaneio me fez pensar na ocasião em que a viagem para o exterior foi para fora de mim mesmo e não para fora do país. Ah!... Esta viagem é muito mais difícil e complicada do que aparenta, senão vejamos o seguinte relato.

Numa primavera qualquer, lá pelos idos da década de 90 - no século que nos antecedeu - tentei projetar-me fora de mim, conforme relatos esotéricos de pessoas que o haviam feito. Tudo começou quando percebi que meu exterior era somente visível através de meus olhos e que quando os fechava, perdia contato com ele, o que me levava a interiorizar-me cada vez mais, centrando-me em mim mesmo, no próprio âmago de meu ser. Fato curioso este, já que em mais de quarenta anos de vida era a primeira vez que me ocorria pensar nisso. Sem me olhar, sem ver meu corpo com meus próprios olhos, eu não era real, ou pelo menos assim parecia. Claro que os demais sentidos permaneciam intactos, mas eles estavam à deriva sem o apoio da vista. Entendem, não? Imagine alguém lhe oferecendo um copo d'água tendo você que experimentar o odor e o sabor sem ver. E se a água

ensaios sobre o tudo e o nada

estiver suja? Ou colorida? Quem iria beber em são juízo? Como já falei, os sentidos são interdependentes...

Nestes pensamentos me encontrava quando decidi sair de meu corpo e transitar conscientemente o meu entorno exterior, quer dizer, maximizar meus sentidos independentemente de meu ser físico. Não é nada fácil, como disse antes, mas vale a tentativa pela experiência que se ganha.

Vocês devem estar curiosos em saber como se faz isto, não é? Pois bem, vou revelar o segredo. Há um conhecimento relatado do estado de quase-morte. Aquela fase ou condição em que você não está mais vivo mas ainda não está morto... Bem, nesse estado, o interior sai do corpo físico e se projeta para fora de si.

Claro, isto implica em aceitar que não somos uma unidade indivisível, mas que somos constituídos pelo menos por mais de um corpo, mais ou menos sutis ou mais ou menos grosseiros, mas obrigatoriamente interdependentes e não condicionados à união vital. Quer dizer, se o corpo físico morre, por exemplo, o outro não necessariamente morre junto com ele, senão perguntem a qualquer ser religioso o qual, através de diversas teorias, confirmará o que estou dizendo; como a maioria da população do mundo acredita em alguma forma de religião, não será difícil explicar e entender este caso, só bastando aceitá-lo como verdadeiro.

Isto posto resta definir o método da viagem. Lembram dos faquires? Dizem que eles suportam a mortificação física porque ao sair do corpo não sentem a dor. Mas este fato ainda não mostra como sair do corpo!

Vamos chamar a atenção ao fato de que quando dormimos e sonhamos, as coisas parecem acontecer

ensaios sobre o tudo e o nada

fora de nós, mas de forma casual e involuntária. Lá podemos ir e vir por grandes distâncias, estar em vários lugares ao mesmo tempo, vivenciar coisas que acontecem em outros lugares, enfim, independentizar nossa ação do corpo físico. Mas como conseguir fazer isto de modo consciente, sabendo a cada instante que somos artifices de nossa ação? É simples, devemos sonhar acordados! Isto nos levará ao mundo exterior e nos permitirá dirigir nossas ações independentemente de nosso corpo. E quando digo nos levará, estou afirmando que somos o corpo sutil que falamos anteriormente e que determina nossa real existência. Alguns chamam de alma, espírito ou qualquer outra denominação que não seja a física.

Não custa nada tentar. O primeiro que acontece é perceber nosso corpo estático, estando nosso *eu-mais-sutil* situado fora dele. Como se víssemos outra pessoa dormindo e nós estivéssemos acordados, mas sabendo que ambos somos um e o mesmo em situações diferentes. Ai podemos tomar contato com nosso exterior através da essência pura de nossa individualidade, sem a intervenção incômoda de nosso ser mais grosseiro, nosso corpo físico que tem fome, sede, necessidades e que sofre por tudo!

Uma vez solto nosso *eu-mais-sutil*, podemos ficar à vontade para locomover-nos e imaginar o que quisermos, mesmo sem que seja real. O importante aqui é liberar as possibilidades que são impossíveis de realizar dentro de nós, no estado de vigília comum.

Como isto parece um sonho, voltar deste passeio não é nada difícil. É como se estivéssemos acordando para a vida, com a lembrança viva do objeto sonhado.

SEM REMÉDIO

Aqui bem que eu poderia mentir. Somos livres para fazê-lo ou inventar histórias verossímeis para tentar minimizar o impacto de uma situação que nos oprime. Quem poderá nos acusar de mentirosos por esconder algo que não queremos dizer? A lei é clara ao respeito disso: ninguém pode fazer provas contra sua própria pessoa.

Enfim, acho que não vale a pena esconder o que agora vou dizer, tanto porque acredito que ninguém liga a mínima para meu desleixo. Pois é. Faz mais de um mês que não escrevo nada...

Poderão dizer que é falta de inspiração, que não sou um bom escritor, que não tenho consideração pelo público ou que simplesmente sou relaxado. O que isso muda para a situação real? Se eu não falasse, ninguém ficaria sabendo, porque como disse antes, o tempo é tão relativo que se demorasse um século para acabar esta obra e não dissesse nada, ninguém ficaria sabendo e todos, sem exceção, colocariam flores no meu túmulo a título de gratidão pela pretensa obra ou me execrariam sem piedade por motivos óbvios.

Claro, existe ainda a tristeza do esquecimento que não é mais do que falta de memória provocada pela ausência da leitura do livro ou pelo olvido proposital. Como sabemos, nesta contenda sempre seremos relegados, mesmo que isso doa, mas devemos aceitar o fato de que até nós mesmos nos esquecemos às vezes; senão, perguntem ao psiquiatra alemão Alois Alzheimer, que citou esta característica humana no começo do século passado, traduzida no declínio cognitivo que padecemos quando nos acomete esta doença.

ensaios sobre o tudo e o nada

Não esqueçamos ainda que gregos e romanos adoravam o deus do tempo, porque sabiam que o tempo prevalece sobre qualquer outra coisa. Cronos, que empunhando sua foice destruía tudo sem piedade, chegando até castrar seu pai, enquanto que sua irmã Mnemósine, deusa da memória, o enfrentava tentando preservar um pouco do que ele destruía, nunca conseguia preservar completamente os fatos. No final, como antes dissemos, o tempo sempre vence a memória.

Falo aqui do tempo e da memória porque são os dois elementos necessários para a sobrevivência de uma obra. Vejam, senão, a *Ilíada*, que Homero escreveu há tantos anos atrás. Até hoje é tema de literatura e de debate. Perdurou no tempo e na memória da humanidade. Vejam a Bíblia e tantos outros livros similares que, apesar do tempo em que foram escritos, permanecem vivos até hoje.

Em verdade vos digo, emprestando a célebre frase de Jesus, o Cristo, que esta delonga somente pretende justificar minha declarada falta de critérios para criar boa literatura, servindo também para desculpar uma próxima vez que, com certeza, haverá.

Quem poderá dizer o contrário?

MAIS PASCAL

Depois do diálogo que tive com Pascal e de tê-lo deixado para que fosse à missa, ponderei oportuno voltar em outra oportunidade para falar de religião. Sabia, por haver lido seus escritos, que era extremamente religioso cristão e obcecado pela única religião possível: o cristianismo, segundo suas próprias palavras. O que mais me preocupava era o desprezo destemido que ele possuía pelas outras vertentes religiosas, especialmente pelos seguidores de Maomé.

Imbuído destes pensamentos, sem percebê-lo, estava novamente à frente de sua residência.

Como antes, bati à porta com a aldrava de bronze que simulava o busto de um anjo (propositalmente colocado ali, pensei). Alguns instantes depois a porta se abriu e apareceu o mesmo mordomo com seu típico traje preto. Desta vez ele não disse nada e me olhou com um ar de censura, como se estivesse a importunar seu amo com minha visita inesperada. Disse a ele que gostaria imensamente trocar umas palavras com Monsieur Pascal para tratar de assuntos particulares.

Sem dizer palavra, desapareceu pelo corredor dirigindo-se ao interior da casa, enquanto esperava na porta. Poderia ter me convidado a adentrar na antessala, mas achei que esse tipo de fineza não combinava com o seu espírito carrancudo e sério.

Pouco tempo depois, voltou com ar resignado e vencido e me disse que Monsieur Pascal poderia me receber por pouco tempo já que teria logo mais outro compromisso. Imediatamente pensei em outra missa, mesmo que a hora não fosse apropriada para a celebração, mas conhecendo-o, poderia ter ascendência

ensaios sobre o tudo e o nada

direta com o bispo local e este lhe poderia conceder este privilégio.

Entrei na sala que já conhecia e vi Pascal sentado frente à mesma mesa, escrevendo sobre um grosso caderno irregularmente pautado, com sua tradicional pena de ganso imergida em um pote de tinta preta. Sem levantar os olhos do papel, fez-me sinal para sentar-me na poltrona de couro marrom em que me havia recebido anteriormente, deixando agora o caderno e a pena, tampando com delicadeza o pote de tinta, para finalmente levantar-se e sentar-se à minha frente.

Como na primeira vez, ele quis dar satisfação do que estava fazendo, mais para ele próprio mudar de estado de espírito do que para realmente explicar o que estava fazendo antes. *“Estava escrevendo um ensaio sobre religião cristã e sua importância no mundo em que vivemos. É muito triste ver por aí o descaso que se faz da nossa religião, a tal ponto de perceber que o próprio Jesus está, com certeza, aborrecido pelos rumos do mundo que ele pensou em modificar, morrendo por ele.”*

Não pude deixar de abrir um largo sorriso ante suas palavras e percebi que ele se incomodou bastante, como se eu estivesse debochando de suas afirmações. Disse a ele imediatamente que o que acabara de dizer era justamente o tema sobre o qual queria trocar ideias e tentar entender melhor sua visão um pouco radical de perceber o cristianismo...

Ele me interrompeu imediatamente e disse que havia pensado muito sobre o assunto e que tinha numerosos escritos que afirmavam esta colocação. Eu não poderia dizer a ele que já havia lido seus “Pensamentos” já que vinha de uma época diferente, mesmo que ele

ensaios sobre o tudo e o nada

suspeitasse. Isto causaria uma confusão mental muito grande no meu anfitrião, então disse que gostaria de ler ao respeito para inteirar-me melhor de sua posição. Pascal disse que estava tudo desordenado e que precisaria reclassificar. Lembrei-me então de Simone Weil e seus “Pensamentos Desordenados Acerca do Amor a Deus”. Quanto ainda teria que trabalhar e escrever para chegar a um consenso!!

Perguntei a Pascal sobre uns comentários que ouvira dizer nas rodas sociais em Paris, em que se dizia que ele afirmava que Maomé não teria nenhuma autoridade (como religioso). Ninguém testemunhava sobre ele no mundo, ao contrário de Jesus Cristo que, além dos conhecidos milagres, não promulgava em direito próprio, mas era testemunhado a cada instante pelos seus. Claro que não podia dizer que neste século o Islamismo alcançava uma proporção numérica assombrosa e que no futuro seria bem mais evidente...

Ele me olhou fundo nos olhos e como que cansado me respondeu que o povo falava demais, ninguém tinha fundamento teórico como ele próprio, já que ninguém se esforçava para aprender, mas se dedicavam à fofoca e maledicência sem beber nas fontes da sabedoria. Disse ainda que Maomé atribui propriedade sobre o Alcorão, mas ele próprio achava que seria similar aos Evangelhos dos quatro Evangelistas. Além do mais, Maomé nunca foi pré-anunciado como o Cristo, nunca fez milagres e proibia que se lessem as escrituras judaicas. (Se Pascal conhecesse um pouco de Árabe, saberia que Qur-ân – Corão-, significa precisamente leitura!)

Não quis contradizê-lo, mas lembrei-me de uma passagem de Coríntios, XII que ele mesmo havia analisado anteriormente e que contradizia sua posição

ensaios sobre o tudo e o nada

antimaometana e antissemita, dos não seguidores de Cristo. Ele dizia textualmente:

“ Não devemos amar senão a Deus, e não odiar senão a nós mesmos.

Se o pé tivesse ignorado sempre que pertence a um corpo, e se houvesse um corpo de que ele dependesse, se só tivesse tido o conhecimento e o amor de si mesmo e viesse a saber que pertence a um corpo, do qual depende – que pesar, que remorsos de sua vida passada por ter sido inútil ao corpo que lhe infundia a vida e que poderia tê-lo aniquilado se o separasse de si como o pé se separava dele! Que súplicas para ser conservado! E com que submissão se deixaria governar pela vontade que rege o corpo, a ponto de consentir em ser amputado se isso fosse preciso! Do contrário, ele perderia sua qualidade de membro, pois é necessário que cada membro esteja pronto a perecer pelo corpo, que é o único a quem todos devem a existência. ”

Provavelmente Pascal atribuía a seu Deus o papel de único corpo, desconhecendo outros deuses possíveis, com nomes e origens diversas dentro do monoteísmo reinante à época. Disse a ele que talvez devesse considerar esta possibilidade para não ser tão severo no seu julgamento.

Sentia que ele achava no mínimo estranho que um estrangeiro desconhecido e bem mais jovem, rebatesse e criticasse suas ideias. Ele não disse nada sobre isto, mas deu a entender quando respondeu.

“Meu jovem, admiro sua inteligência e interesse neste assunto, mas permita-me dizer que já estou velho demais para mudar toda a teoria e a crença que me levaram a este ponto. Entendo que possa haver falhas e

ensaios sobre o tudo e o nada

lacunas nela, mas a posteridade se encarregará de colocar as coisas no seu lugar. Por enquanto, irei continuar escrevendo com base em minhas convicções e espero que o futuro não me julgue tão severamente. Você próprio é meu futuro e haverá outros como você que contestarão o que digo. Mas uma coisa é certa, é muito mais importante errar por haver tentado explicar nosso mundo que deixar passar a vida em branco sem haver-se preocupado por explicá-la.”

O mordomo apareceu com uma bandeja com um bule de chá e duas xícaras, e a depositou sobre a mesinha. Pausadamente e sem pressa fomos bebendo o líquido quente, cada qual envolvido em seus pensamentos, olhando para o vazio.

Quando levantei meu rosto, vi à minha frente um homem cansado, mas com princípios sólidos e disposto a continuar explorando sua teoria. Havia muitas outras coisas que gostaria de haver conversado com ele, com a vantagem de até haver-me antecipado a seus escritos, já que conhecia o que ele escreveria no futuro, mas achei falta de educação tentar influenciar e interferir em seu pensamento.

Sabia que provavelmente este seria o último contato nosso e fiquei entristecido e penalizado em ver seu rosto abatido. Ele também me olhou e me disse que apesar de nossas eventuais diferenças havia gostado muito de falar comigo. Uma dúvida lancinante lhe tocava a alma, mas não tinha coragem de enfrentá-la. Mesmo assim me perguntou como eu poderia saber tanto dele sem ser do lugar, sendo bem mais jovem, e conhecer as próprias palavras que ele pronunciara sem nunca havê-las publicado.

Eu dei de ombros e disse que era casualidade pura.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Falamos em história de nós mesmos quando o futuro que nos falta viver é bem menor do que o passado que já vivemos. E como toda boa história começa com: ...era uma vez..., não poderia começar a minha de outra maneira.

Quando ainda tinha pouca idade, e como bom expoente do ser humano pervertido em seu agir, acabei “sendo convidado”, sem muita escolha de minha parte, para um colégio interno perto da nossa cidade.

Relutei, debati-me, gritei, mas em vão; minha sorte estava selada. Talvez se tivesse sido um garoto melhor comportado poderia ter me livrado desta; mas não foi bem assim e por isso estou contando esta história.

Com o tempo me dei conta de que não poderia ter acontecido nada de melhor na minha parca existência. Como cheguei a esta conclusão? direi isto mais adiante, neste trabalho. Só vou adiantar agora que meu espírito de escritor teve seu desabrochar neste lugar, no qual ganhei minha primeira menção honrosa à prosa e à poesia, por um trabalho, talvez o primeiro que fiz, a partir de uma frase que o professor de literatura passou para nós, a fim de desenvolver um tema com ele. A partir dali, não parei mais. Pena não ter guardado todos meus escritos... dariam um grande livro agora!

Falar em acaso? Em causalidade? Em destino? Quem pode dizer? Chegar a este ponto com a convicção de que esta era a única possibilidade real de acontecer é, no mínimo, encorajador para o que me resta de vida.

O certo é que a história contada a seguir teve início neste lugar.

**Reflexão do Tradutor das Reflexões,
ou Texto para José...**

E agora, José ?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou.
e agora, José ?
e agora, você ?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta,
e agora, José ?

“**José**” (1a. estrofe) –
Carlos Drummond de Andrade

A História Oficial

Quando no começo de 1965 ingressei como aluno regular no Colégio Leo Bovisio, de San Ignacio, serras de Córdoba, na Argentina, sem saber onde estava nem que faria com minha discreta e curta vida, então com 14 anos de idade, não poderia imaginar a virada de 180 graus que ocorreria em minha busca interior depois de viver essa marcante experiência.

Nascido no seio de uma tradicional família Judaico-Cristã, misturada com ideologias da Ortodoxia Síria, nas proximidades do Colégio, minha infância transcorreu entre catecismos, corais eclesiásticos, fabricação de hóstias e jogos infantis, além de haver sido coroinha e declamado a missa em Latim. A presença de Deus em meu espírito se limitava à obrigação de rezar antes de

ensaios sobre o tudo e o nada

dormir e assistir a missa de domingo, observando no átrio do altar um quadro com a figura de um enorme homem de cabelos brancos e olhar severo, flutuando entre brancas nuvens, e preanunciando castigos homéricos se não se seguissem seus preceitos.

Por outro lado, os Mestres estavam representados por numerosas estátuas de barro ou madeira, pintadas adequadamente, chamados Santos, e cuja história era contada freqüentemente nas salas de aula da escola eclesial.

O ingresso no “Leo Bovisio” (o colégio em questão) foi mais devido à falta de paciência de meus pais de tolerar-me em casa que de algum merecimento especial. Desta maneira, quase com desagrado e sem vontade, entrei no mundo das idéias de Dom Santiago Bovisio.

Não conheci o Mestre Santiago pessoalmente, mas sim seus discípulos diretos, entre eles ao Senhor José, Diretor do Colégio Leo Bovisio nessa ocasião.

O que mais me chamou a atenção desta gente recém conhecida, se é que nessa idade algo pode chamar a atenção de um garoto, foi a qualidade de vida, a postura e a forma de repassar “ensinanças” a seus alunos, sem evidenciar que se tratava de ensinamentos. Tudo era diferente nas aulas, a forma de ditá-las, a maneira de sentar-se, o respeito mútuo, a prática escolar, etc. Tudo era novo e parecia que as tarefas e lições eram aprendidas por osmose, por presença, por transferência direta. Ninguém sabia qual era a diferença e ninguém imaginava a implicação deste contato; somente os filhos dos Filhos de Cafh, denominação dos seguidores desta doutrina, tinham uma noção um pouco mais clara, por influência de seus progenitores.

ensaios sobre o tudo e o nada

Cafh significa literalmente: Cavalheiros Americanos do Fogo de Hes, nome simbólico de uma agrupação esotérica, o que pode ser conferido em vários sites.

Em dois anos de estudo neste Colégio nunca soube de que se tratava a história dos “Senhores”, apesar dos vários comentários internos e externos e de algumas manifestações observadas por alguns alunos de forma desprevenida. (Senhores e Senhoritas constituía a denominação dos integrantes das comunidades, masculina e feminina respectivamente).

Quando minha mãe se inteirou pelos comentários que estavam na boca de todos que no Leo Bovisio faziam “lavagens cerebrais” a seus alunos, seu coração maternal não pôde resistir, e preferiu retirar seu filho do perigo potencial e não arriscar um eventual mal maior daquele que existia antes do ingresso. Desta forma e sem mais explicações, acabou meu contato com o mundo novo que havia conhecido. Voltei para o “mundo real”, o externo, aquele que todos costumamos viver.

Longe estava eu de imaginar que o destino me reservaria novas emoções. Depois de terminado o curso secundário, em Embalse de Rio Tercero, fui a estudar na capital. Quem me levava frequentemente em automóvel até Córdoba era nada menos que o Dr. M., advogado regional que havia defendido Cafh de seus detratores. Ele me comentava nestas viagens o destino das comunidades, acontecido pela interferência do clero e dos militares: os primeiros pensando num eventual culto a Satã e os segundos pensando que se tratava de alguma célula extremista que refugiava e acobertava os revolucionários esquerdistas que existiam por ai.

ensaios sobre o tudo e o nada

Os estudos universitários e o contato com o meio ambiente estudantil me levaram a aprofundar questões sociais e a introduzir-me no mundo dos livros espirituais e de cunho esotérico. Frequentei algumas escolas filosóficas e políticas, o que foi modelando meu ser e meu caráter. Sobre Cafh nada, nem sequer o nome, e menos ainda o conteúdo. Era muito fechado o ambiente para poder penetrar o para saber algo que jogasse alguma luz sobre a escuridão da alma. Além do mais, a essa altura, não conhecia a sigla nem o significado, ficando a história do Colégio relegada a um segundo plano no meu subconsciente, como uma lembrança.

O destino quis que pouco tempo depois de finalizar meus estudos universitários tivesse que mudar-me para o Brasil. Dois motivos concorreram para isso: um existencial e outro essencial. O primeiro se refere a uma informação recebida, dando conta de que haveria um grupo militar atrás de mim, devido a atividades políticas anteriores, mesmo sem haver participado de qualquer eventual ato extremista. O outro, o essencial, refere-se a outro ser que pela lei de predestinação estava por aqui, aguardando-me. Assim, penso, o livre arbítrio me fez tomar a determinação mais acertada para minha vida futura. Dizem os Mestres que nada é por acaso; Macktub, dizem os árabes, será o que deva ser. ...e assim foi!

Em uma viagem de regresso à Argentina, depois de haverem-se acalmado os ânimos persecutórios, no aeroporto de São Paulo, encontramos casualmente o Sr. J. Minha esposa quis entrar em contato, pois conhecia sobremaneira as histórias do Leo Bovisio que lhe contara no passado; assim se aproximou, junto com a minha mãe, e estabeleceu o primeiro dos numerosos encontros

ensaios sobre o tudo e o nada

que tivemos. Posteriormente tornamos a encontrar-nos no aeroporto junto a outros membros de Comunidade que viajariam no mesmo voo que o nosso.

Em pouco tempo, éramos novos Filhos de Cafh e colaboradores da Obra Social da Comunidade onde viviam. Desta forma, sem demora, pudemos aprofundar os conhecimentos sobre a doutrina e ter contato direto com as comunidades. O destino também determinou que durasse pouco tempo, somente alguns anos; a mudança brusca de rumos, a mercantilização, a desorganização de funções, a falta de exemplos práticos de Renúncia, a abertura indiscriminada a novos membros sem o menor critério de seleção, etc., etc., ajudou o desenlace de nosso afastamento.

Foi doloroso, pois muitos anos de convicções e exercícios ascéticos viram o fim do caminho oficial, porém ajudou a pensar melhor e a rever posições e principalmente a perceber que Cafh fazia muito tempo que não existia mais, não da forma que o Fundador havia determinado. Agora a ascética não dependia mais do grupo e sim de cada um de nós.

De que forma poderíamos ter acesso às Ensinanças no futuro? Quem nos ofereceria uma direção espiritual? Os Filhos de Cafh, incluindo os de Comunidade, não poderiam ter contato conosco devido a uma proibição regulamentar, de tal forma que nos encontramos na mais negra noite da alma, sem recursos e sem orientação. Por sorte, encontramos uma saída honrosa: olhar para dentro, ao profundo do coração, ao Eu Superior que habita no centro de nosso espírito, e meditar sobre o assunto. Esta prática nos reconfortou, e daí em diante conseguimos seguir em frente com menos apoios, sem

as muletas mentais que nos acompanharam durante muitos dos anos passados.

Uma noite na praia, vários anos depois, falando dos tempos de antanho, a figura do Sr. J. se fez necessária a nós, como se presentíssemos a necessidade de um contato imediato com ele, apesar do tempo transcorrido. Movemos céu e terra, até que finalmente o encontramos por meio de um amigo comum. A partir desse momento, a história oficial começava a mudar, alguma coisa deixou de ter sentido e outra, que era muito importante, cobrou vida. Soubemos dos infortúnios e das terríveis consequências que assolaram almas de entrega, sem outro motivo que o de querer ser. Tornamo-nos por esta razão, o elo perdido de uma corrente, fazendo uma ponte entre um mundo devorador e assustador, cheio de perigos e à espreita de oportunidades, e o mundo mágico de uma Comunidade neo-formada, sofredora pelas condições impostas e com possibilidades limitadas, anímicas e físicas, de poder sobreviver.

O Passado Próximo

Quando, sem pretendê-lo, soubemos que todas as Ensinoas de Dom Santiago estavam em Internet, à disposição de quem quisesse vê-las, corremos ao computador para verificar o fato. Que alegria imensa poder verificar que toda esta preciosidade estava disponível para a humanidade!

Corremos novamente para compartilhar com outros amigos a boa nova, e ao encontrar entre eles as dificuldades próprias da língua, vimo-nos na obrigação de oferecer nossa contribuição para ajudar na tradução para o português, desta obra maravilhosa. O Sr. J.,

ensaios sobre o tudo e o nada

consultado, deu seu apoio; enviamos então uma mensagem ao site da Internet esperando resposta, sabendo de antemão que o responsável pela mesma havia sido o Diretor do Colégio Leo Bovisio quando estudávamos lá, Sr. José.

Que surpresa agradável foi a de receber uma resposta positiva, quase instantânea, por parte de José! Que fantástica felicidade se apresentou de poder colaborar com a Grande Obra! Que sorte que tivemos de haver encontrado Discípulos Fieis em outros lugares do mundo, comprometidos com a divulgação da Mensagem da Renúncia!

Desta forma conheci o Sr. N., alma grande e forte, comprometido com a Obra e que nos deu a oportunidade de ser seu amigo. Despojado de toda ambição pessoal, com grande dedicação e afinco, com forte presença de espírito, demonstrou a fibra íntima de que são feitos os homens de Renúncia. Este sim que é um Discípulo Fiel, daqueles que o Mestre Santiago sempre falava em suas Ensinanças!

A partir desse momento e por decisão compartilhada por todos, me transformei no tradutor das Reflexões de José, para o português. Tive, melhor que ninguém, o privilégio de conhecer de perto o autor, e agora suas idéias em obras, através de suas Reflexões acerca do mundo, iluminadas pela tocha do pensamento vivo do Mestre Santiago. Pude comprovar em sentimento a necessidade imperiosa que teve José de divulgar a Obra que o Mestre havia deixado para a humanidade, e que se não fosse por esta medida, poderia estar totalmente escondida e perdida em algum rincão do planeta.

ensaios sobre o tudo e o nada

O trabalho de traduzir um texto de uma língua para outra é técnico e banal. Porém, a responsabilidade de traduzir uma Ensinança Universal, ditada por um Mestre de Sabedoria e resgatada por Discípulos Fieis, é tarefa hercúlea, pois cai sobre os ombros de quem faz este trabalho, o peso, a sagrada missão, a dedicação plena ao objetivo solicitado, o compromisso de ser fiel ao texto e à idéia passada e, principalmente, saber que não se pode falhar.

O Presente

Hoje, depois de haver começado em 18 de julho de 2003, o trabalho chega ao fim. A missão encomendada foi cumprida no tempo prometido. A tradução dos Comentários e das Reflexões para o português está completa. Falta somente incluir as últimas no site de Internet para que cumpram sua tarefa nos países de língua portuguesa.

Cabe a mim, por pura solicitação onírica, realizar minha Reflexão como Tradutor das Reflexões; sem pretensões literárias, sem técnicas de escritor, sem vaidades pessoais e sem esperar nada por esta Meditação Pública em forma de Carta Aberta.

Tendo lido todas as Reflexões de José com esmero, em razão de ter que traduzi-las, ocorreu-me uma pergunta, que a pesar de estar parcialmente respondida, ficou dando voltas na minha cabeça até agora: Por que começou a difusão desta Obra na Internet no ano 2000? Supõe-se que o início da Era de Aquário começa neste ano, porém se estivessem no site alguns anos antes para preparar a chegada do novo signo, talvez fosse

ensaios sobre o tudo e o nada

melhor. Não estamos questionando nada; trata-se de uma pergunta que ficou sem resposta.

A coragem demonstrada na publicação para todo o mundo desta Obra monumental é sem dúvida o marco do início de um novo modo de pensar e de viver. Há aqui material suficiente para que o homem consiga sua liberação e se for suficientemente experto como para aproveitar o estudo destas Ensinanças, não teremos que esperar muito tempo para ver os primeiros resultados da troca de Raças.

O que se resgata é que afortunadamente um ser percebeu a importância de divulgar esta Obra e, sem escrúpulos nem melindres, apesar das proibições dos que achavam deter a exclusividade da Obra, resolveu tomar sobre seus ombros a carga do julgamento histórico de sua atitude; não que seja importante o desenlace das opiniões formadas, senão que por este fato já mudou a atitude de muitas almas que transitavam um caminho vazio e sem perspectivas.

Houve muitos que trocaram de ideias e muitos outros que trocarão. A Ensinança viva está vigente em seu mais puro mérito, sem alterações, como o Mestre as ditou. As Reflexões levam, através de sua análise objetiva e temporal à luz das Ensinanças, a transitar um caminho demarcado pela tradição esotérica, inexorável e sem retorno; ainda há tempo de trabalhar para que seja menos doloroso o futuro que se aproxima!

O Futuro

Não temos o dom da profecia. Temos o que nos deixou o Mestre sem retoques nem subterfúgios. O que é

ensaios sobre o tudo e o nada

que realmente irá ocorrer e em que tempo? Somente os Grandes Iniciados o podem saber. A nós resta a opção de eleger o caminho a percorrer, a companhia que iremos escolher, a bandeira que iremos levantar e como nos prepararemos para receber o Homem Novo que está chegando.

Hoje

José deixou este mundo há alguns anos e se juntou ao Mestre para acompanhar os Discípulos Fieis. A Obra continua em mãos de seguidores e se encontrará repassada ao mundo, através de Internet, por mais 50 anos, pelo menos.

O final ainda não foi escrito fisicamente nesta era, mas está predeterminado no mundo astral acompanhado pelos Mestres. Resta a nos continuar fazendo o que nos foi confiado.

MAKTUB!

AS BALEIAS AMIGAS

Sempre tive curiosidade e vontade de acariciar baleias e me parece que é muito difícil fazê-lo no mundo físico. Já nos sonhos ou no *eu-mais-sutil* é bem possível. No dia em que saí de mim, de meu corpo físico, fui a uma praia de um mar calmo e transparente. Estava deitado num deck de madeira na beira da água e podia ver a uns duzentos metros um penhasco ou coisa similar. Apurei o olhar e a ilhota que via começou a mover-se. Era um conjunto de enormes baleias as quais pareciam dançar um balé com coreografia marítima, ou seja, ao compasso das ondas do mar...

Fiquei estático olhando este quadro e não percebi o tempo passar. Quando dei por mim já era escuro; o sol se pondo às minhas costas por trás de uma pequena cadeia montanhosa e algumas nuvens mais densas no céu anunciavam uma iminente chuva.

As primeiras gotas de água bateram no meu rosto e molharam minha cabeça. Dei um salto e fiquei de pé disposto a partir em direção de um abrigo que havia perto do local onde eu estava. Saí com pressa para evitar a chuva, mas após os primeiros passos a água da chuva deixara de cair. Parei e olhei para trás, em direção ao mar, e para minha surpresa percebi uma baleia ao lado do deck jorrando água para cima como um chafariz. Esta era a chuva que imaginara...

Com um pouco de temor me aproximei dela e pude ver seus olhos brilhantes olhando direto para mim enquanto continuava a jorrar água para cima. Pareceu-me ver um sorriso no seu rosto quando pulei novamente para trás para me esquivar do jato, mas imediatamente raciocinei que baleias não sorriem e pensei que minha

ensaios sobre o tudo e o nada

imaginação estava avançando demais no campo fértil dos devaneios...

Como ela não saía do lugar, continuei aproximando-me enquanto ela olhava fixamente os meus olhos. De repente, piscou para mim e me fez um sinal para que eu pulasse na água. Recuei... Baleias não fazem sinais aos homens e esta não seria a exceção. O medo crescia em mim e tomava conta de meus movimentos; não me sentia livre para fazer o que tinha vontade de fazer. Estava como que hipnotizado por ela!

E se ela realmente estivesse querendo que eu entrasse na água para me mostrar que baleias, mesmo sendo grandes, não são monstros? Se ficasse fora poderia perder a maior oportunidade de minha vida, e se pulasse, poderia perder a própria vida! Em um segundo passaram pela minha mente uma série de situações de risco pelas que havia atravessado e nenhuma terminou em minha morte, então despejei o medo que me paralisava e sem pensar duas vezes pulei na água do mar, bem em frente dela.

Nossa mãe! Como era grande!! De cima do cais parecia menor e o medo começou a voltar a mim. Respirei fundo e dei umas braçadas em sua direção. Pensei que ela fugiria, mas continuou ali me desafiando a encostar nela, enquanto seus olhos não deixavam de me seguir. Cheguei bem perto e estiquei meu braço; a pele grossa e lisa de seu corpo escuro reagiu ao meu contato e como que se contraiu e relaxou de novo umas três ou quatro vezes. Não sei o que significava nem pensei no assunto.

Continuei ali, acariciando essa pele que tantas vezes havia sonhado acariciar e que agora estava acontecendo

ensaios sobre o tudo e o nada

tão real e presente. Não sentia a água em que meu corpo estava mergulhado nem a temperatura nem o medo de estar ali. Era eu um com ela, dois corpos fundidos com um só objetivo... simplesmente estar.

Ouvi então um assobio longo e melódico que saia da sua boca, e em poucos minutos, como se fosse um eco, outros sons similares responderam esse canto. Os sons se aproximavam cada vez mais, porém a escuridão da noite não me deixava ver nada. Sentia o balançar das ondas com esse peculiar estrondo que faz quando rompe na praia e alguns sons de aves noturnas que anunciavam o iminente recolhimento que acontece a essa hora do dia, e me abandonei à experiência de estar nesse momento e nesse lugar.

Do nada senti que algo me tocou por trás e me virei instintivamente. Senti-me rodeado de outras baleias, umas quatro ou cinco do mesmo tipo e tamanho que minha amiga, que ainda permitia minhas carícias. Não senti medo ou aflição, sentia-me uma delas!

O canto melancólico continuava quebrando o silêncio da noite e me transportava a sonhos de infância. Continuei a aproveitar essa experiência magnífica e arrisquei a acariciar às outras. Parecia que estavam esperando e tive a sensação de que gostavam disso. Sem pressa, permaneci colado a elas até que o dia começou a apresentar-se e o sol, vermelho, enorme, apareceu na linha do horizonte do mar. Parecia que a água ia escorrendo dele enquanto subia...

Olhei em volta e não vi mais o cais. Assustei-me porque eu não nadava tão bem e se estivesse longe não conseguiria chegar. Como que lendo meus pensamentos as baleias amigas nadaram até a praia, juntas, e me

ensaios sobre o tudo e o nada

depositaram perto do cais. Deram meia volta e, soltando todas um grande jato de água, foram para mar adentro, afundando e aparecendo intermitentemente até que se perderam no horizonte.

Abri os olhos lentamente, ainda deitado no deck do cais, e tentei colocar meus pensamentos em ordem. Não sabia ao certo se havia sonhado ou se havia realmente vivido essa experiência marcante. Difícil determinar o real do imaginário e o sonho se situa no lugar mais afastado da realidade; nele podemos voar, saltar distâncias enormes, acariciar baleias, viajar a lugares longínquos, enfim, podemos fazer tudo o que quisermos e que nossa imaginação permita.

Olhei para o horizonte do mar e vi ao longe, cinco jatos de água, como chafarizes. Então sorri intimamente e rumei para casa.

COMO CHEGUEI AO MUNDO

Agora que sou adulto e sei melhor das coisas, entendi finalmente o termo “consciência coletiva”. Tenho certeza de que, desde meu início, no projeto de vida que viria-a-ser eu mesmo, participei dessa consciência. Explico melhor:

Ao princípio minha incipiente vida não passava de uma célula, às vezes masculina, outras vezes feminina. Não havia dramas nem preconceitos; eu era feliz com o que tinha.

Lembro-me das tentativas frustradas, quando numa louca corrida por chegar em primeiro lugar, entre milhões de competidores, o destino frustrante era um surrado lençol, uma banheira vazia ou a relva de um parque da cidade. Quando acontecia a sorte do destino certo à procura da cara metade, que também era eu, outros muitos competiam comigo a fim de fecundar e vir-a-ser no mundo real.

Em todas as vezes eu me perdi, mas me reencontrei novamente como se fosse o único. Sempre soube disso, mas não me dava conta. Sempre a meu lado, outros eus concorriam comigo.

E aí vem o confuso pensamento: como podia ser eu mesmo a cada dia se no ontem eu me havia perdido? Se o destino me reservava hoje me secar sobre um velho lençol ou outro destino qualquer e desaparecer como consciência viva, como é que amanhã, ou depois, ou sempre, no preparo para a árdua luta de chegar primeiro, era eu novamente? É mais, cada um de nos era eu; tinha certeza disto, porque quando vinguei e me amalgamei na úmida vida do seio materno, sabia que todos nós éramos um!

ensaios sobre o tudo e o nada

Competia comigo mesmo?

Como disse no início, quem estava lá esperando por mim era eu mesmo... Estranho, não é? Como ser a seta e o alvo ao mesmo tempo?

Estava eu nadando e flutuando no espaço finito, encerrado num tubo longo e sinuoso, avermelhado e frágil, quando de repente, em louca disparada, um jato esbranquiçado vem na minha direção com milhares de seres em ziguezagueante corrida querendo me invadir. Não sei se devo deixar... Será a morte? Alguma coisa me disse que devo esperar. Muitas cabeças ovais e arredondadas chegam perto do meu corpo penetrando na interface da minha pele. Os rabinhos se movem em desespero para impulsionar a cabeça para dentro de mim. Posso contar dez ou doze deles na tentativa louca de fecundar-me, mas sinto que um só vingará. Qual? Não importa... todos somos eu, invasor e invadido, com o objetivo final de completar a jornada.

Sei também que irá penetrar o mais preparado, o melhor dos eus, assim como sendo único, como célula feminina, sou a melhor.

Muitas vezes me frustrei também. Em quantas ocasiões, mês após mês esperei em vão que a outra metade de mim viesse me buscar! Quantas oportunidades perdidas. Mas sempre era eu que estava ali, esperando, torcendo para vir-a-ser.

E agora eu sou, vivo uma vida plena, perfeita, o que inclui respiração, batimentos cardíacos, produção de toda espécie de secreções, produção de emoções e sentimentos e às vezes alguma espécie de cognição. E quando olho para trás e vejo o caminho percorrido,

ensaios sobre o tudo e o nada

imagino-me ainda não sendo, ainda na louca corrida ou na entediante espera.

Más isto é pura filosofia. Tentar entender a vida é tarefa difícil se não impossível. Mas ao final, uma coisa é certa: Eu já fui um óvulo e também fui um espermatozóide. E agora... o que é que eu sou?

Sei que a vida irá a continuar por um longo tempo até que a Essência Suprema decida que já é hora de partir. Ninguém sabe como será a passagem, mas muitos dizem que existe uma volta. Voltarei como eu mesmo?

Os que dizem que sabem, afirmam que a centelha criada que anima o corpo físico é eterna e se repete pela eternidade do mesmo modo, como que cumprindo um plano pré-estabelecido. Dizem que o plano prevê um aprendizado para compor a memória do Universo físico na manifestação do incriado, até que a noite de Bhrama aconteça novamente.

Se isto for verdade, já tenho um motivo transcendente para ser e posso cumprir meu papel nesta fábula sem prejuízo da minha própria história de vida.

Que assim seja!

ENCONTRO COM ÉDOUARD SCHURÉ

Corria a primavera do ano 1910 e eu estava em Paris a passeio. Andava pelas ruas estreitas da Ile de La Cité, depois de haver entrado na Catedral de Notre Dame e ter feito uma oração pelas almas deste mundo que se encontram perdidas na escuridão da noite, e que não são poucas. Minutos antes havia visto passar por perto um sujeito alto, ligeiramente despenteado, bigodes compridos e encaracolados, aparentando uns 70 anos de idade, vestindo o que parecia ser um meio fraque negro, e que havia sido cumprimentado não muito efusivamente pelo diácono da Catedral. Ele caminhava à minha frente e se demorava no andar, pelo pensamento que notadamente ocupava sua mente e que o tornava alheado da realidade e do mundo à sua volta.

Fiquei curioso e tentei me aproximar, sempre mantendo uma distância de uns quatro ou cinco metros, o que me permitia observá-lo cuidadosamente sem ser notado. Poucos minutos mais tarde, outra pessoa que vinha andando pela estreita rua em sentido contrário o cumprimentou entusiasticamente chamando-o de Irmão Mestre. Minha curiosidade aumentou a tal ponto que não consegui fingir mais e me aproximei definitivamente deles perguntando sobre uma rua qualquer, alegando que me encontrava perdido.

O primeiro homem, o que eu seguira, olhou-me calmamente e me disse que havia pensado que eu fosse um ladrão, já que o estava seguindo desde há alguns quarteirões atrás, mas que por força do seu pensamento não me havia dedicado maior atenção. Se eu fosse ladrão e o roubasse, não tinha nada que pudesse me dar e a questão teria morrido ali mesmo. Fiquei surpreso pela sagacidade e observação do homem e comecei a

ensaios sobre o tudo e o nada

olhar de forma diferente para aquela figura desengonçada.

Apresentou-se polidamente e pediu desculpas por sua avaliação apressada de minha pessoa, e me disse ainda que se não estivesse a caminho de encontrar um amigo gostaria de trocar algumas palavras comigo, pois lhe parecia diferente. Eu lhe confessei que não estava perdido, mas que a curiosidade me impulsionou a fazer contato, sem saber o que poderia acontecer depois. Deu-me um cartão de visita e me disse que se eu quisesse conversar com ele, estaria encantado em me receber. Achei estranho que sem conhecer-me, houvesse me convidado à sua casa para conversar, mas como que lendo meu pensamento, afirmou-me que raramente encontrava um estrangeiro e que pelo sotaque parecia ser do Novo Mundo, ao que concordei prontamente, dizendo que procedia do Brasil. Seu rosto se iluminou e insistiu na visita. Eu não sabia o que pensar...

Assim que nos separamos olhei o cartão onde estava escrito seu nome: Édouard Schuré, advogado; mais tarde descobri que nunca havia exercido sua profissão. Imediatamente lembrei-me de sua obra prima, “Os grandes Iniciados”, que havia lido pouco tempo atrás e que me havia impactado sobremaneira, principalmente o capítulo sobre Pitágoras e sua escola filosófica grega, embora os outros não lhe ficassem atrás. Recordei que sua escassa biografia mencionava que ele era Maçom e que frequentava a Teosofia por conta de sua amizade com Blavatsky e a Escola Antroposófica, pelo contato com Steiner. Para mim, era uma grande oportunidade poder trocar algumas ideias com ele e esclarecer alguns

ensaios sobre o tudo e o nada

pontos duvidosos. Quem melhor que o próprio autor, sabidamente esotérico, para me elucidar a questão?

Alguns dias depois, seguindo o endereço marcado no cartão, bati à porta de um casarão velho, não muito bem cuidado. O próprio Schuré abriu a porta e, sem ocultar sua satisfação, disse que estava esperando minha visita. Fez-me entrar e, pelo estado do interior da vivenda, percebi que não possuía criados e que ele não ligava muito para a ordem e a limpeza. Disse-me que naquele dia em que nos encontramos perto de Notre Dame tinha um encontro com Wagner, o compositor alemão, de quem era muito amigo e compartilhavam muitas ideias esotéricas. Lembrei-me de meu Mestre que dizia que quando escutava uma música de Wagner, formavam-se coloridas catedrais de formosura sem igual, no plano astral, e que ele podia facilmente acessar.

Uma poltrona surrada foi-me oferecida para sentar-me e após recusar um chá que me ofereceu para beber, começamos a conversar. Schuré arrancou dizendo que adoraria conhecer o Brasil e pediu para que contasse como era. Havia ouvido dizer que havia muitos nativos indígenas perambulando pelas ruas das grandes cidades e que não imaginava como isso poderia acontecer, já que pela ferocidade da raça era por demais perigoso para as pessoas que ali moravam. Perguntou se havia trens e automóveis para transportar pessoas, como eram as casas e edifícios públicos, enfim, tudo o que um ser curioso poderia perguntar.

Depois de esclarecer todas essas questões, foi minha vez de perguntar.

Havia lido em seus livros uma classificação humana atribuída a Pitágoras e o que me chamava a atenção era

ensaios sobre o tudo e o nada

a forma como ele havia acessado estas informações, já que o próprio Pitágoras e seus seguidores mais íntimos não haviam deixado nada escrito. Ele me respondeu que havia seres humanos especiais que conheciam toda a história da humanidade sem nunca terem aberto um livro. Isto se chama clarividência, disse-me.

Continuei perguntando em qual fonte se havia baseado para afirmar que existem homens primitivos em essência e outros mais evoluídos espiritualmente, os quais podem ser separados em quatro categorias.

Ele afirmava que em primeiro lugar, na grande maioria dos homens, a vontade age especialmente sobre o corpo. São os que primam pelos instintos, apropriados para os trabalhos corporais e para o desenvolvimento da inteligência no mundo físico.

No segundo grau do desenvolvimento humano, a vontade e a consciência, residem na alma, ou melhor, na sensibilidade refletida pela inteligência, que constitui o entendimento. Estes são os anímicos ou os passionais, homens de guerra, artistas ou poetas. A grande maioria dos homens de letras e dos sábios pertence a esta classificação.

Em uma terceira classe de homens, muito mais raros, a vontade criou o hábito de agir sobre o intelecto puro, desembaraçando a inteligência da tirania das paixões e dos limites da matéria. Estes são os intelectuais. Tais homens são os heróis mártires da pátria, os poetas de primeira ordem, os verdadeiros filósofos e os verdadeiros sábios - aqueles, que, conforme Pitágoras e Platão, deveriam governar a humanidade. A paixão não se extingue neles, porque sem paixão nada se faz. O que realmente acontece com eles é que as paixões se

ensaios sobre o tudo e o nada

tornaram servas da inteligência, enquanto que nas categorias precedentes é que, a maior parte das vezes, as paixões tornam serva à inteligência.

O mais elevado ideal humano é realizado por uma quarta classe de homens, muito raros, que à realeza da inteligência sobre a alma e sobre o instinto, aliam o do exercício da vontade sobre todo o seu ser. Graças a essa concentração maravilhosa, sua reta e pura vontade, projetando-se sobre os outros, adquire uma energia quase iluminada, uma magia dominadora e criadora. Esses homens têm tido vários nomes na história: são os primordiais, os adeptos, os grandes iniciados, gênios sublimes que transformam a Humanidade.

No final desta pergunta, vi um Schuré diferente, olhando fixamente para mim como tentando entender como eu poderia ter dito tudo aquilo de uma vez, coisas que ele pensava não ser possível ao homem comum. Sem tirar seus olhos dos meus me perguntou a que seita eu pertencia, já que me preocupava com estas questões filosóficas que diziam respeito aos estudiosos do assunto. Eu não respondi de imediato. Ele continuou olhando fixamente tentando adivinhar o que estava acontecendo.

Aos pouco foi dizendo que era uma surpresa encontrar alguém como eu, conhecedor de princípios básicos do ocultismo, perguntando sobre coisas que demoram séculos para serem entendidas, conforme conversavam entre amigos, sendo que pela força do esoterismo, não poderia compartilhar comigo. Disse ainda que se eu consegui entender estes quatro tipos de graus da humanidade, poderia ele acrescentar algumas outras idéias para testar meu conhecimento. Por

ensaios sobre o tudo e o nada

enquanto, ele me considerava especial... mas tinha que ter certeza.

Perguntou-me se conhecia a doutrina de Madame Blavatsky, e após responder que havia lido *A Doutrina Secreta*, *Isis sem Véu* e *A Voz do Silêncio*, vi que não conseguiu esconder a cara de assombro. Disse-me que se lhe respondesse que conhecia Steiner e sua obra, ficaria muito surpreso. Disse a ele, sem pestanejar, que conhecia e admirava a teoria antroposófica e que concordava com ela no sentido de encontrar um elo entre ciência e religião, de forma rápida. Concordava também e acreditava na Pedagogia Waldorf que tenta integrar de maneira total o desenvolvimento físico, espiritual, intelectual e artístico dos alunos.

Ele continuava olhando fixamente para mim sem entender o que estava acontecendo. Não podia imaginar como alguém vindo do Brasil pudesse conhecer tanto sobre coisas que estavam começando a ser discutidas na Europa. Perguntou-me se por acaso eu era clarividente. Disse que não. Ele balançava a cabeça de um lado para o outro como tentando decifrar o misterio...

Sentindo muita pena dele, tive que lhe revelar a verdade. Expliquei que era escritor e que estava escrevendo um livro. Dentre os temas que me ocupavam, estava a de visitar pessoas que marcaram, de alguma forma, a humanidade. Confessei que nosso tempo era diferente e que uma especial máquina do tempo, a minha própria imaginação, permitia-me deslocar-me pelo tempo e conversar com todos os que fossem alvo de minha pesquisa. Disse ainda que lhe revelava este segredo porque sabia que ele não iria divulgá-lo, pelas características de sua formação.

ensaios sobre o tudo e o nada

Absorto em seus pensamentos, nem percebeu que eu havia saído da casa, após um leve aceno de cabeça. Não sei quanto tempo ele ficou assim, mas eu me retirei e voltei para meu apartamento-hotel. Mais tarde procurei na Internet se havia alguma referência na sua biografia acerca de minha visita naquele tempo, mas nada encontrei.

Sabia que iria voltar a encontrá-lo e conversar bastante sobre outros assuntos. Seus livros me atraíam e a paixão com que escrevia me fascinava.

Mas agora era chegado o momento de definir meu próximo encontro. Podia ir e vir de e para qualquer lugar no tempo e no espaço. Era só pensar em alguém e minha imaginação me levaria até lá.

Precisava ter muito cuidado para não interferir no andamento da História, porque isso poderia ter um efeito devastador no mundo que conhecemos. Se mudasse o passado, o presente poderia ser tão diferente que até eu mesmo poderia não haver nascido. Não queria arriscar, então me demorei bastante para escolher meu próximo alvo. Ainda estou procurando...

A IDÉIA DA MORTE

Quando ainda era uma criança e brincava no pátio da casa paterna, ou depois, nas ruas da pequena cidade em que vivia, não tinha ideia do que era a morte. Nem passava pela minha incipiente consciência quais seriam as consequências e as diferenças entre estar vivo ou estar morto. Desta forma, o passar dos dias era algo natural e não me preocupava muito em como gastá-los: tinha todo o tempo do mundo!

Havia três escolas na cidade que não possuía mais do que três mil habitantes: uma Escola Federal, uma Escola Estadual e uma Escola de Padres, da ordem de Dom Bosco. Como minha família era religiosa, era de bom tom que o menino aprendesse o catecismo e os rumos de uma vida plena e saudável dentro dos princípios cristãos. Por adição, ainda era um Seminário no qual, jovens estudantes se tornavam Sacerdotes Católicos. Minha família nunca me sugeriu que seguisse a carreira eclesiástica e mais tarde agradei por isto, já que minha vocação era e continua sendo diferente.

Passei oito anos da minha infância aprendendo que os bons garotos ganhavam a vida eterna, e sem saber muito bem o que significava isto, esforçava-me sobremaneira para ser bem comportado: não enfrentar pais e professores, assistir a missa todos os dias, comungar pelo menos uma vez por semana e aprender todos os princípios básicos da educação cristã, sem esquecer que, fazendo a novena de comunhão cada primeira sexta-feira do mês, ganharia o céu por acréscimo. Fiz oito vezes, uma a cada ano de escola, por tanto já tenho garantida minha presença no céu pelo menos por oito encarnações, se existirem, como dizem os partidários de outras religiões.

ensaios sobre o tudo e o nada

Assim vivia e brincava neste mundo até que minha consciência começou a se insinuar e a mostrar-me que nem tudo o que aprendia tinha lógica, e que muitos desses ensinamentos deveriam ser esclarecidos para que o futuro fosse menos agressivo para com quem fala alguma coisa sem fundamento, parecendo mais um mero repetidor de conceitos do que um verdadeiro pensador. Como os padres ensinavam, havia que pensar nas coisas da vida e ter fé para aceitar o que não era muito bem explicado.

Lembro que quando aprendi que Adão e Eva foram os primeiros homem e mulher sobre a terra, e que tiveram três filhos, Caim, Abel e Set e me atrevi a perguntar como continuou o mundo, recebi como resposta que isso não se pergunta, que havia que ter fé em Deus e que, em castigo por insinuar coisas estranhas, deveria juntar quinhentas formigas vermelhas num frasco apropriado. Quando não havia formigas, urtigas eram apropriadas para o mesmo fim!

Depois soube, estudando mais sobre o assunto, consultando textos e trocando ideias com amigos, que o casamento entre irmãos era, na época, “permitido”. Antes dos 130 anos de existência, Adão e Eva tiveram dois filhos: Caim e Abel. Aos 130 anos, Adão e Eva geraram Set. Adão viveu até os 930 anos depois que Set nasceu e teve filhos e filhas. A morte de Abel nas mãos de Caim nunca foi bem explicada...

Na gênese bíblica só há histórias de homens. As mulheres não entram na genealogia, a não ser por grau de importância. Por conseguinte, não se sabe quantas filhas foram geradas por Adão antes ou depois de seu filho Set. O casamento entre irmãos fora permitido por Deus para que a terra fosse povoada.

ensaios sobre o tudo e o nada

A ideia do pecado sempre me perseguiu e nunca entendi o motivo pelo qual o “pecado” de Adão e Eva foi e será cobrado de nós até o fim dos tempos, precisando que um pouco de água benta, jorrada pelo sacerdote em nossa pequena cabeça, pudesse nos livrar dele.

Antes dos meus dez anos meu avô materno nos deixou para viver no céu junto a Deus, conforme a explicação posterior do meu padre-professor. A correria no quintal da casa da família, minha mãe chorando, meus tios com semblante tenso e dolorido, amigos, vizinhos, enfim, na pequena cidade a morte era um acontecimento importante e quase todos queriam estar presentes. Primeiro vi o corpo rígido estendido na cama e pouco tempo depois, numa caixa de madeira escura e lusturada, coberta internamente com lenços de brocado branco e ouro, rodeada de candelabros prateados com velas acesas e várias coroas de flores. Muita gente se aproximava para vê-lo enquanto eu espreitava por trás de uma cortina de veludo vermelha que separava a sala de estar da sala de jantar. Esperava que a qualquer momento meu avô levantasse a cabeça na minha direção e me cumprimentasse, mas isso nunca aconteceu. No cemitério, quando foi depositado em cripta de mármore branca pertencente à família, que ele próprio havia mandado construir e que por conta do destino era seu primeiro habitante, senti a realidade nua e crua. Não chorei; não conhecia ainda a dor da alma.

Não entendi no início que nunca mais o veria, já que quem parte para outro plano vai sozinho e nunca volta, pelo menos em estado físico. Depois de perguntar à minha mãe pelo Vovô durante vários dias, e tendo a mesma resposta sempre, decidi que poderia fazer uma

ensaios sobre o tudo e o nada

visita surpresa a ele, onde quer que ele estivesse, e voltar para casa depois de matar saudades.

Quando revelei meus planos ao meu professor ele me olhou fixamente e me disse que eu era um exemplo de menino, e que no futuro Deus permitiria que me juntasse a meu avô e, no fim, todos ressuscitariam após o Juízo Final. Não entendi direito o termo nem a ideia, mas achei que era bacana e que soava bem.

Pouco tempo depois, um homem, labutador do campo, trabalhando na colheita de grãos, cortou o dedo com a máquina empilhadeira. Chegou à cidade e foi direto ao médico, o único que havia, trazendo o dedo cortado embrulhado num pano sujo. O médico lhe disse que era tarde para recuperá-lo. Estava definitivamente perdido.

Como toda criança que se preze, minha curiosidade era mais forte do que o temor que sentia e quis ver o dedo cortado. Claro que não deixaram e o jogaram numa sacola de gase e náilon e o depositaram no lixo. Não entendi muito a situação, porque aos dez anos a gente se pergunta coisas e ninguém responde direito. Por que não teriam feito uma cerimônia parecida com a de meu avô, com um pequeno caixão de madeira, velas e flores e posteriormente – por que não o teriam enterrado para que fosse viver com Deus no céu, e algum dia pudesse se encontrar novamente com o senhor do campo?

Minha mãe, com toda a paciência do mundo, tentou explicar-me a relação diversa que havia entre o todo e as partes e a diferente forma de tratamento de ambas. Mesmo não entendendo nada nessa época, esse foi o ponto de partida para as numerosas e pouco profícuas reuniões filosóficas que consumiram noites inteiras na

ensaios sobre o tudo e o nada

minha adolescência. Nem minha mãe nem eu nunca nos convencemos da posição um do outro, mas o exercício valeu a pena e formou em mim um espírito crítico e aguçado.

Quase trinta anos depois morreu meu pai, mas já entendia o significado e o sentido da morte e não me pegou de surpresa. Como diabético empedernido, teria seu pé amputado por causa da gangrena, mas nem me passou pela cabeça o que seria feito com o pé cortado. Não haveria um funeral para ele; disso tinha bastante certeza a essa altura do campeonato.

Sabia perfeitamente que a morte era o começo de uma nova dimensão de vida e não a achava tão tenebrosa como antes. Aprendi a espreitar os sinais para saber que havia uma continuidade sutil após o espírito deixar a matéria e adentrar na esfera dos mundos superiores.

DIÁLOGO COM BACON

Corria o ano de 1622 numa manhã fria de janeiro, em Londres. Andava eu cabisbaixo, margeando o rio Tamisa, aproximando-me de Westminster em devaneios soltos acerca da vida, quando de repente ouvi alguém chamar outro que caminhava em frente: -*Sir Bacon... Barão...* A pessoa que andava à frente se deteve. Trajava uma roupa marrom escura cingida na cintura por um grosso cinto preto com fivela dourada. Usava um cavanhaque espesso que se misturava com os longos cabelos castanho escuros que se derramavam por baixo de um chapéu de abas largas e copa alta. O grande nariz aquilino lhe dava um ar sombrio, mas ao mesmo tempo acolhedor.

Quando a moça que o chamava chegou perto, ele descobriu a cabeça em sinal de cumprimento e curvou-se levemente para frente. A moça flexionou os joelhos levemente e abaixou a cabeça a modo de retribuição. Eu também me detive e disfarçadamente tentei acompanhar a conversa. Não conhecia nenhum dos dois, mas arrisquei pensar que poderia tratar-se do grande filósofo inglês, pelo nome pronunciado.

A conversa se desenvolveu em torno à apresentação que o Maestro italiano Claudio Monteverdi havia exibido no Teatro Real Covent Garden, que mais tarde seria o Royal Opera House. O Veneziano, que havia assumido a direção musical da Basílica de São Marcos em Veneza, estava apresentando uma ópera chamada *L'Orfeu*, uma verdadeira obra-prima do gênero operístico, e que os dois haviam assistido na véspera. Lamentei não haver sabido para igualmente assistir. Não é muito comum na história poder assistir uma ópera dirigida pelo próprio autor e mais nessa época do início do Barroco europeu.

ensaios sobre o tudo e o nada

Após mais algumas palavras fiquei sabendo que o homem em questão era o próprio Sir Francis Bacon, Chanceler do Reino Unido por convite de Sua Majestade Jaime I e que ocupava uma importante cadeira no Parlamento. Quando ficou sozinho novamente, aproximei-me e tentei uma conversa. Queria tirar bom partido dessa situação e insisti. Ele continuou andando sem me dar muita atenção, até eu lhe dizer que estava muito interessado em discutir seus Ensaios e a teoria sobre Aristóteles. Foi como se um raio caísse sobre ele! Parou, lívido, e olhou em minha direção. Conseguiu balbuciar algumas palavras e meio sem jeito me perguntou como eu sabia dos seus Ensaios se ainda os estava escrevendo e não os havia publicado.

Pela minha expressão ele suspeitou que eu era um espião e ficou com medo, até eu esclarecer que não era nada disso, mas que conhecia muito bem sua trajetória e sua obra. Não melhorou muito sua expressão, então o aclamei dizendo que iria explicar tudo se tivesse uma oportunidade. Marcamos um encontro para o outro dia na sua sala particular no Parlamento. Mal podia esperar pelo encontro, e essa noite, como muitas outras, não dormi.

O Big Ben marcava 9 horas quando entrei pelo portão principal da torre, de estilo neogótico, como o resto do prédio. A antessala após o saguão era magnificamente decorada. O teto pintado com motivos próprios evidenciava no centro um lustre enorme com aproximadamente cem castiçais com velas amarelas e luzes cintilantes. Não pude deixar de pensar, sorrindo, no trabalho que teria o pajem para acender e trocar as velas todos os dias... Lâmpadas elétricas seriam bem menos trabalhosas de instalar e manter! Mas não havia, ainda...

ensaios sobre o tudo e o nada

Ao fundo, várias portas de cada lado de um grande corredor ostentavam em seus dintéis as iniciais ou cargos de seus ocupantes. Procurei a do Chanceler e não tardei em encontrá-la. Era a maior e estava situada ao final do corredor.

A porta estava aberta e, no fundo da sala, atrás de uma escrivaninha ricamente adornada com marchetaria de madrepérola e filetes de ouro, sentado em sua cadeira, estava Francis Bacon. Sem vestir o grosso casaco parecia menor e mais frágil.

Fez-me sinal para sentar e começou dizendo: - *Não fosse a filosofia, não estaria eu vivo. Então começemos a conversar para evitar perdas de tempo, que muito valorizo e que em meu caso, é muito curto.* Concordei com ele balançando minha cabeça e disse, sem mais: - *Eu não sou daqui nem deste tempo.* Ele sorriu ligeiramente como que intuindo ou sabendo sobre este fato, e retrucou: - *Então, já que o tempo não parece ser o problema, vamos em frente.* Nunca soube como ele desconfiou que eu era um viajante do tempo, em alma e em espírito, mas quem pode contradizer ou suspeitar da declaração de um homem como Sir Bacon?!

- *Eu li todos seus Ensaios e as obras científicas,* disse, *e fiquei triste ao saber que dos seis livros que originalmente vai produzir, da "Instauratio Magna Scientiarum", somente dois serão concluídos...* Ele me interrompeu dizendo: - *Se o senhor vai me contar tudo dessa forma, imagino que saberei até o dia e a hora de minha morte... enfim, prefiro não saber. Vamos conversar somente sobre os conteúdos e deixemos o destino fazer sua parte sem incomodá-lo.* Concordei.

ensaios sobre o tudo e o nada

Sabia que dos últimos quatro livros desta obra havia deixado apenas rascunhos e manuscritos inacabados, porém, mesmo incompleta, esta obra era considerada o primeiro esboço racional da metodologia científica na qual Bacon pretendia classificar as ciências, fazer uma crítica ao método de Aristóteles e descrever o seu novo método de interpretação e desmistificação da natureza. Lamentavelmente a morte o surpreendeu antes de acabar, o que provavelmente custou alguns anos no ritmo de evolução de nosso planeta em relação ao método científico.

Continuamos conversando durante mais duas horas e pudemos tocar em pontos interessantes de sua obra. Por exemplo, o fato de querer reorganizar o método científico abrindo mão da teoria da hipótese, pecando por não dar um viés matemático a seus assuntos. Provavelmente a sua formação platônica de Harvard o impedia de se transformar em um grande divisor das águas na ciência. Claro que ele não concordava com minha teoria, senão o rumo da história teria sido diferente. Além do mais, eu estava em vantagem por conhecer o rumo das coisas até nossos dias, o que ele ignorava totalmente.

Perguntei se havia pensado em renunciar à Chancelaria, sabendo que em breve seria acusado de corrupção e exonerado, mas ele me disse que não. Não contei o motivo de minha pergunta para não ter que dizer o que iria acontecer.

Insisti com ele em que tentasse escrever em bom Inglês em lugar de Latim, mesmo que haja sido a língua da época para os escritores se manifestarem, pois as posteriores traduções nunca eram fieis aos originais. Ele concordou, mas disse que a vida de relação mandava nos costumes e que para imprimir novos rumos à

ensaios sobre o tudo e o nada

História teria que ser jovem e ele não era mais, com seus quase 61 anos.

Estava chegando ao fim nossa conversa e notei um certo ar de inveja em seu olhar. Como bom filósofo devia estar imaginando como seria minha vida, conhecendo um pouco da história de cada um dos personagens que contribuíam com os destinos do mundo. Mesmo assim não conseguia entender como era possível aquilo.

Viagem física no tempo? Ainda era cedo na história para cogitar essa hipótese.

Conversa virtual? Quem poderia imaginar, numa época não informatizada?

Sonho? Era pouco real e pouco provável, dadas as circunstâncias.

Percebi que não conseguia entender e que sua filosofia não podia explicar este fato. Tive pena dele, mas não podia dizer que poderia escrever uma conversa fictícia com algum antepassado, pois significaria reescrever seus ensaios e mudar a história novamente. Não podia fazer isso!

Ficamos em pé e me despedi dele com uma inclinação de cabeça, como se usava na época. Ele fez o mesmo e me disse, como que adivinhando meus pensamentos:

- Eu ainda posso mudar minhas idéias. Triste não é mudar de ideias, mas não ter idéias para mudar.

MAIS UMA HISTÓRIA...

Um dia qualquer na minha vida, eis que aparece uma pessoa que eu mal conhecia e me pediu os ouvidos para escutar sua história. Ponderei o pedido e achei que nada perderia e ainda poderia prestar um importante serviço a este ser humano que, pelo visto, estava precisando muito desabafar. Alarguei meus ouvidos e me dispus a escutar:

- Não sei como começar, disse. Há tantas histórias numa só, que custa saber por onde iniciar a narrativa.

Há muitos e muitos anos nasci para a vida atual e, desde pequeno, por influência familiar e do colégio religioso o qual frequentava, aprendi a me doar. Não tudo, mas parte daquilo que achava possuir. Assim sempre foi norteada minha vida: quando criança, na escola e na comunidade, quando adolescente e quando adulto também. Nunca vou esquecer as vezes que levava culpa por coisas que não provocava, para defender outros, ou quando decidi lutar pelos que não tinham condições de fazê-lo por qualquer motivo: estudantes, porque não entendiam nada do mundo; trabalhadores, porque sofriam as mazelas da profissão sem condições de reclamar por isso; pais e mães de família, porque não compreendiam o mundo onde viviam; sacerdotes e místicos, porque não se engajavam em nenhum movimento, enfim todos os que podia abranger com meu entendimento de acordo à minha experiência pontual. Trabalhei como voluntário em mil ações e não ganhei nada por isso, só o reconhecimento da ação o que era o melhor salário do mundo! Nesses tempos, como agora, cada situação era uma história e elas se sucediam da forma em que sucedem todas as histórias, com começo, meio e fim.

ensaios sobre o tudo e o nada

Lembrar-se de todas é trabalho sobre-humano, então conseguimos guardar as que marcaram a ferro e fogo nossa vida; umas poucas, mas significativas, que perambulam por nosso interior e vem à tona cada vez que passamos por situações similares.

Não quer dizer com isto que nos colocamos no papel de santos, nem de líderes nem de qualquer tipo de ser-em-destaque. Nossa história é comum, como todas as outras, e provavelmente, nem serão lembradas por quem as lê, já que dizem respeito à vida individual de quem as conta. Talvez possam servir de roteiro para histórias similares e ajudem a melhor finalizar os resultados das mesmas.

A esta altura da narração eu estava empolgado, querendo saber mais sobre o assunto, que me parecia por demais interessante. Percebia que o sujeito que contava a história realmente estava se despidendo de alma e espírito e se abrindo a um desconhecido. Entendi que isso era bom para ele, pois poderia botar tudo para fora sem medo de um dia ser cobrado de nada.

- Uma delas que agora lembro, continuou, fala sobre a amizade. Ah, a amizade!!! Quantas coisas lindas guarda esta palavra... O que é a amizade senão colocar-se sempre no lugar do outro e agir como se fosse feito para nos mesmos? Amar indiscriminadamente e aceitar deficiências nos outros, mas ao mesmo tempo, por amizade, colocar as coisas no lugar quando saem do controle e tendem a interferir na vida dos demais. Saber a hora de dizer sim e a de dizer não! Isto não pode abalar a amizade sincera, e se abala, é porque não o era... Pois bem, isto aconteceu de verdade, na vida real. Conto, então, a primeira história, mesmo que outro

ensaios sobre o tudo e o nada

amigo me disse uma vez que o bom orador, mais do que contar a história que vive, deve viver a história que conta!

- Não vou dar nome às figuras humanas e situações, disse, para não ferir susceptibilidades. Então, lá vai:

Corria um ano qualquer (o ano não tem a menor importância) e eu me encontrava em terras distantes da minha, por problemas que agora não vem ao caso. Nesta situação, um amigo que havia permanecido na terra natal me procurou para que eu desse uma força à sua família, a qual estava necessitada de sair daquele lugar, por problemas comuns e que não são pertinentes agora. Ainda disse textualmente que sua esposa era a que queria deixar a terra, mas ele próprio não se importava muito, já que não estava interessado em seguir a profissão, então um lugar ou outro seria o mesmo para ele e sua conveniência pessoal. Estaria fazendo a vontade dela, conforme suas palavras.

Trabalhei firme na procura de uma função adequada como profissional para esta pessoa, esposa de meu amigo, e consegui colocá-la para exercer sua profissão de forma não convencional, já que sua documentação de imigrante não existia e estava longe de tê-la. Outro amigo, entendendo a situação, concordou em dar uma força, mas como é comum nestes casos e como diz o ditado, “por fora”.

Como não tinham recursos financeiros, a meu convite foram morar comigo: meu amigo, sua esposa e dois filhos, sendo que o outro permaneceu na terra natal por causa de seus estudos.

Após seis meses de estadia em meu lar, a situação era a seguinte: eu próprio e minha esposa levantávamos todos os dias cedo para a labuta diária enquanto que

ensaios sobre o tudo e o nada

*meu amigo, sua esposa e seus dois filhos desfrutavam das benesses da minha residência, incluindo piscina, comida e bebida à vontade, além dos passeios que lhes proporcionávamos, mesmo que a esposa trabalhasse uma ou duas vezes por semana e permanecesse na letargia do *laissez faire, laissez aller, laissez passer* no restante do tempo.*

Insisti muitas vezes para que saíssem comigo de manhã cedo para procurar alguma coisa a fazer, com o argumento de que se não saíssem ambos a buscar trabalho, ninguém viria procurá-los para nada. Não tive nenhum resultado e as coisas continuaram iguais. Isto, é claro, não estava certo, e decidi intervir e colocar as coisas no lugar.

Ofereci a meu amigo um emprego na minha empresa, emprego este que eu não precisava e que ele não queria, por um bom salário e com a condição de mudar de residência, saindo da minha, porque a situação já era insustentável. Desta forma, aluguei um imóvel perto da empresa, para que não tivesse despesas de locomoção, fui avalista, o mobiliei, coloquei telefone e lazer, TV, som, etc., alimentos e bebidas suficientes para um bom tempo, e sugeri polidamente que fizessem sua parte já que o seu próprio destino estaria nas mãos deles. A tudo isto já havia passado um ano e nenhuma mudança de atitude havia acontecido.

Eu já estava ficando ansioso com esta história e pensava seriamente que o sujeito que a contava não tinha habilidades para lidar com as situações que descrevia. Creio que eu agiria de forma totalmente diferente, pois amizade é uma coisa e abuso é outra! Eu teria dado fim a esta situação muito antes...

ensaios sobre o tudo e o nada

Ele continuou: - Com o trabalho de meu amigo na minha empresa arrumei mais confusão, já que ele só queria ler o jornal, fumar, relaxar, e não estava disposto a realizar o trabalho manual ao que estava destinado e ainda por cima querer utilizar uma metodologia de trabalho contrária às normas da empresa. Um dos gerentes me lançou a seguinte frase a queima-roupa: “ou ele ou eu!”. Não tive mais remédio de que escolher. Pedi à minha esposa que falasse com ele para não criar atritos nem ressentimentos e ofereci a ele um salário igual durante os três próximos meses, sem que ele precisasse aparecer na empresa, para ter tempo de procurar outra atividade. Meu amigo, nessa época, já havia completado seis meses de trabalho conosco...

Enfim, como diz o ditado, perdi o ouro e o mouro; ou seja, o empregado não existia mais (apesar do salário continuar sendo pago), e finalmente, após três meses de presença física para retirar o cheque do salário, virou a cara para mim e se declarou o meu mais ferrenho inimigo! Nunca mais o vi nem me procurou para nada, apesar de havê-lo visto algumas vezes pela cidade. Até hoje não entendi o processo que leva os homens a tomar determinadas atitudes, mas como diz outro amigo conhecido de todos: “...existem mais coisas entre o céu e a terra do que a vã filosofia consegue explicar”.

Resumindo, achei que tinha feito tudo o que um ser humano poderia fazer por um amigo e acabei sendo o vilão da história! Não consegui julgar o fato, por estar emocionalmente envolvido nele. Mas como disse outro amigo: “Os homens podem condenar-me, mas a história me absolverá!”

Fiquei calado. O que eu poderia dizer?

POETA?

Achei que eu era poeta ou coisa parecida. Nunca pensei que minha poesia fosse parte do objeto e não do sujeito, do outro, e não de mim.

Pequei o pecado capital mais insolente: o da soberba. Senti na carne o desespero de não mais ser. Perdi a esperança e perdi a mim mesmo.

Nunca saberei se escrevi alguma coisa ou se fui escrito por ela; nunca - na solidão do não-ser - sentirei paz; o néctar que nasce no âmago do espírito virou coisa do passado, insosso, amargo, irremediavelmente sem graça, e não por causa de mim, do que sou, mas por aquilo que deixei de ser.

Não me arrependo; sei que não tenho direito ao arrependimento porque nasci sabendo que isto um dia aconteceria. Mas desde o alto de minha estúpida soberba não me dei conta de que seria agora, neste instante.

Não existe o tempo – dizem-me os que pensam que sabem. Só existe a eternidade que brinca de fazer-nos crer no temporal da vida. Só existe o eterno e o amor.

E eu, amei? O sentimento poético que brotava a borbotões do meu peito era verdadeiro amor?

Dizem que o amor que ama não conhece fronteiras; não pode enclausurar-se em um só coração e em um espírito único. Ele transcende o tempo e o espaço e se projeta pelo universo inteiro. Dizem...

Oh dádiva divina! Quem me dera poder tão só por um instante amar assim! Quem me dera irradiar amor qual estrela-pulsar que permeia tudo! Quem me dera ter a

ensaios sobre o tudo e o nada

graça de ser tão humanamente perfeito que não sofresse a perda do amor correspondido!

E eu, ser imperfeito no amor, na vida e no tudo, ainda amo a quimera do apego imaterial de quem já não está conosco. Oh carne sem carne que incentivaste meu egoísmo de amar-me por amar-te! Oh espírito errante que nem sei se me escutas, mas mesmo assim te falo, na esperança de que alguém te conte o que estou sofrendo!. E sofro mais por saber que sofro por mim mais do que por ti! Oh egoísmo de amor sem limites!

Dizem os que pensam que sabem, que a súplica dedicada à alma que não possui corpo, atrasa seu caminho. - Qual caminho, meu bem, se nunca na vida andastes um passo sequer longe de minha companhia; ...nem eu andei sem a tua. - Qual caminho?

Vieste a este mundo primeiro e te foste primeiro também. Sorte tua de não ter que ficar angustiando dias, permanecendo noites em claro, amargando prejuízos morais, confortando seres por uma ausência que dói.

Se ao menos tivéssemos a certeza do eterno futuro... Se ao menos com um abrir e fechar de olhos percebêssemos tudo, não haveria mais angústia nem aflição, e poderíamos dedicar o resto de nossos dias a procurar-nos novamente; ou então a abandonar-nos ao acaso e permitir-nos a escolha de ser ou de não mais ser.

Ainda estamos juntos?

Não sei mais se te sinto dentro de mim ou se nos dois estamos fundidos e amalgamados no holocausto da ilusão. Não te foste completamente; boa parte de ti ainda

ensaios sobre o tudo e o nada

permanece agarrada a minha alma, ou coisa parecida. Ou talvez eu tenha ido junto e não percebi.

Nunca pensei que minha poesia precisasse tanto de tua presença para sair do meu íntimo. Nunca pensei que a minha poesia eras tu!

Mas mesmo assim, escrevo; não na pretensa ilusão de transformar em poesia estas letras que juntas correm a formar um texto, mas para consolo íntimo e fugaz da alma.

Sinto-te em mim, mas sei que não estás. Oh ilusão do apego que pretende manter para sempre a vida, sabendo que isto é impossível! Sempre foi, e sempre será...

A morte tem boa memória e nunca esqueceu ninguém. Os que ultrapassam o limiar e enfrentam a extinção do corpo físico afrontam outra realidade. Os que ficam do lado de cá sofrem a perda, a solidão, a angústia e o vazio existencial.

Não tem que ser assim! Não há direito de ser assim!

Quem é que pode encarar a vida carregando um cadáver nas costas? Quem é que consegue andar com uma bolsa de lembranças a tiracolo? Quem é que já não pediu ao divino, ajuda para sobrelevar este peso?

Coragem... Há que pedir coragem para esquecer e descarregar nosso fardo numa esquina qualquer. Que as lembranças de cada objeto compartilhado sejam banidas do coração. Quem poderá censurar este fato? Quem, em são juízo, criticará esta ação?

Continuamos vivendo e esperando. O mesmo irá acontecer conosco. E assim, sucessivamente, até o fim dos tempos.

ensaios sobre o tudo e o nada

É a lei; a terrível lei que devemos suportar com estoicismo para não desfalecer. A lei que nos iguala, que nos coloca no mesmo antro, na mesma situação, no mesmo desespero. A lei que nos torna humanos...

Quem me dera desumanizar o mundo para evitar sofrer! Quem me dera possuir um coração diferente para cada dor...! e arrancá-lo e enterrá-lo junto ao morto para não mais padecer...

Ah, se eu verdadeiramente fosse poeta, bem que tentaria!

Mas não sou...

QUEM DISSE QUE EU MUDEI?

Quando abri os olhos e olhei para o relógio percebi que era hora de acordar. Lá fora o trabalho esperava e, de alguma maneira, já sabia o que iria fazer naquele dia; afinal, a rotina seria a mesma, como todos os dias, desde sempre, desde que tenho lembranças...

Pensei então: porque esse dia não poderia ser diferente? Mesmo sendo dois de janeiro, o primeiro dia 'útil' do ano que estava se iniciando, mesmo por haver prometido no final do dia 31 de dezembro do ano anterior que este ano seria diferente, mesmo sabendo que todos os anos acontecia a mesma coisa e logo me esquecia das promessas realizadas a mim mesmo, tentei mudar...

Levantei cedo e em lugar de tomar banho - como sempre o fazia - liguei a televisão no volume mais alto possível, ainda de pijama e sem escovar os dentes.

Fui até a cozinha, abri a geladeira e me servi de um grande copo de refrigerante, fiz pipocas no micro-ondas, um sanduíche com bastante maionese no pão francês amanhecido, e voltei ao meu quarto, a meu piquenique particular, na frente do televisor.

Quando percebi já era quase meio dia; vesti umas roupas esporte e sai procurando qualquer restaurante por quilo, daqueles bem baratos que ficam em todas as esquinas. Ainda nada de banho nem qualquer higiene pessoal. Realmente era diferente!

Após o almoço, andei pelas ruas sem pressa, olhando vitrines que em nada me interessavam, gastando o meu tempo como bem entendia, sem preocupações de horário, sem culpas de nenhum tipo; o meu primeiro dia

ensaios sobre o tudo e o nada

útil do ano novo. Isto sim que é uma verdadeira mudança!

Sem me dar conta, pois o tempo ia passando inexoravelmente, o sol se ocultando por trás dos prédios, o manto do entardecer caindo sorrateiramente sobre a cidade, decidi retornar ao lar. Lá, ninguém me esperava, ninguém sabia de minha decisão, ninguém imaginava que novo rumo havia tomado minha vida.

Cheguei cansado e com vontade de tomar um banho; enchi a banheira com água morna e deitei com a cabeça apoiada na borda. Adormeci logo...

Não sei quanto tempo passou, mas muito sonhei; sonhos confusos que martelavam minha cabeça procurando serem compreendidos pela mente racional. Não sabia ao certo o que fazer com esta sensação.

Nesse instante o despertador tocou. Como sempre fazia, esperei o segundo toque, dez minutos depois, enquanto ordenava meus pensamentos. Aos poucos lembrei-me de tudo o que tinha feito e abri lentamente os olhos procurando uma toalha para secar meu corpo; o quarto escuro e os lençóis mal arrumados, a cama seca e macia, o ventilador girando na frente e o tradicional canto do galo me fizeram compreender que havia sonhado. Tudo havia sido um sonho! Nada, em realidade, havia mudado!

Quedei pensando deitado, tentando descobrir alguma lição neste meu sonho. Algo me dizia que pensar sobre o assunto era um bom começo.

Realizei minha rotina como todos os dias, porém, o pensamento sobre o sonho não saía de minha cabeça. O que era importante para efetivamente mudar, qual atitude

ensaios sobre o tudo e o nada

seria a correta, o que deveria ser mudado, quais as vantagens e desvantagens da eventual mudança, e muitas outras perguntas rodopiavam em meu cérebro.

Passei dias, meses, o ano todo tentando descobrir alguma coisa; era novamente fim de dezembro e outro ano estava para começar. Olhei para trás, retrospectivamente, verificando cada coisa importante que pudesse haver marcado uma mudança em mim, porém, nada encontrei de diferente; havia feito tudo exatamente igual ao ano anterior, mesmo que as pessoas a meu lado dissessem o contrário.

Foi ali que percebi! A mudança estava na essência, não na existência. Não é o que planejamos fazer o que faz a mudança acontecer, mas a atitude de querer mudar nos prepara para outra dimensão de ação. Nós mesmos quase que não percebemos; os que nos cercam podem ver melhor, pois sentem a pujança da intenção.

Amigos: não forcem mudanças. Para realmente mudar não há que querer mudar nada na sua rotina diária; somente a reta intenção, na mais pura essência do ser, permite a ação diferente.

Então mude você também, não mudando!

O EU E O DESENVOLVIMENTO INTERIOR

Quem é o EU, não importa, pode ser você ou eu. Na verdade, somos todos nós. Falamos aqui do EU, como sendo o EU superior, único, enquanto que o Eu inferior, múltiplo, é o que prevalece em nós e nos domina.

Poderia ter sido qualquer um que formulasse as mesmas perguntas e procurasse com afincos as respostas necessárias. O importante, no entanto, é saber que o EU propriamente dito não se encontra à vista e deve ser procurado no fundo de cada ser. Ao encontrá-lo e compreendê-lo, o homem morre como homem e nasce para a eternidade. Desta forma, transforma-se em divino, transcendendo sua humanidade.

Basta lembrar que o homem possui a capacidade real de perguntar e de responder, já que lhe foi dada a faculdade do raciocínio e, mesmo que adormecida, a muito mais importante e necessária, a da intuição.

O fato é que o ser humano vive na superfície, utilizando seu racional para tentar explicar os fatos secundários, menos importantes, passageiros, e não se dá conta que, explicando-se o principal, o secundário lhe vem por acréscimo, como dádiva da própria vida.

Sendo o homem desconhecido de si mesmo, todas as ações que sofre geram reações contrárias que ele não pode controlar, e convence a si próprio de que pouco ou nada pode fazer para obter o domínio das mesmas reações que ele criou. Quando percebe este contrasenso, sobrevém a desolação e o arrependimento e se propõe então agir de forma diferente na próxima oportunidade. Porém, nesta próxima oportunidade, o Eu em evidência, o que está de plantão, já não é o mesmo que realizou o propósito de mudar de atitude, pois o

ensaios sobre o tudo e o nada

homem é constituído de muitos Eus que mudam continuamente de lugar, e o ciclo se reinicia e se repete ao longo de toda sua vida.

Se o homem for perseverante em seus propósitos, chega a descobrir que para mudar de atitude deve apelar a um grande esforço de vontade para conseguir escassos benefícios, já que a vida reclama dele, a cada instante, uma posição. No entanto, se ele conseguir deixar de viver no mundo para ser na eternidade, a rotina diária não mais o afetará, e estará em condições de comungar com o divino e com os planos superiores ou supra-humanos. Isto se pode conseguir, dentre outras coisas, através do exercício de meditação, que propicia um clima de harmonia interior e permite a exposição dos mais recônditos sentimentos e conflitos que o homem possui, possibilitando conhecê-los e controlá-los.

O verdadeiro desenvolvimento interior não se mede pelo número de ações realizadas ou palavras proferidas, mas pela descoberta e controle dos inúmeros Eus que constituem a alma do homem, sendo que o maior ou menor grau de intensidade na consecução destes parâmetros é o que determina a classificação dos tipos humanos em estágios de desenvolvimento.

Paul Brunton dizia em seus escritos, que a linha geral do desenvolvimento interior para a raça humana é, no primeiro estágio, a ação correta, que inclui o dever, o serviço e a responsabilidade. No segundo estágio, aparece a devoção religiosa. Isso gera a adoração ao poder superior, o aperfeiçoamento moral e a comunhão sagrada. O terceiro estágio é místico e envolve a prática da meditação para se obter uma comunhão mais íntima. O quarto estágio é o despertar da necessidade de compreender a verdade e de conhecer a realidade. O

ensaios sobre o tudo e o nada

resultado final é o sábio, que integra em si mesmo o homem civilizado, o religioso, o místico e o filósofo.

Neste último estágio, pelo conhecimento da realidade íntima do ser, estaremos em condições de transcender o temporal e fixar-nos em uma dimensão diferente da que vivemos, face-a-face com o divino. Exemplos de seres excepcionais que conseguiram tal feito são abundantes.

Resta saber se a necessidade de transcender o humano ocupa todos os homens por igual e de que maneira. Verificamos com certo estupor que a maioria dos seres humanos possui uma certa religiosidade que o anima a tentar comungar com o divino, mas apesar das infrutíferas tentativas, a aproximação com os planos superiores e mais virtual do que real, está mais na sua própria visão do que é na realidade. Ele ora muito, faz promessas, conversa com Deus e com os Santos, mas nada alcança de concreto em sua viagem interior.

Talvez a vida de oração seja conduzida por um Eu diferente do Eu que promete, e diferente ainda daquele que mantém uma conversa com o mundo espiritual. A multiplicidade de Eus, separados na vida quotidiana, não deixa espaço para a ascensão do espírito humano à morada do EU Superior e, por conseguinte, ao mundo divino.

O controle total dos Eus individuais é a condição necessária para a transcendência. Viver na eternidade é a conclusão lógica do processo de desenvolvimento do EU Superior e a qualidade imprescindível para alcançar o mundo Divino.

O PARADOXO DO TEMPO

Há muito tempo pretendo falar acerca do tempo, mas falta-me tempo.

Este aparente jogo de palavras, talvez escrito de forma gramaticalmente incorreta, mostra-nos a ambiguidade do tema que agora nos ocupa.

A primeira referência ao tempo, na frase acima, diz respeito ao tempo finito, àquele que se mede pelo relógio em horas e minutos ou pelo calendário em meses ou anos. É o chamado tempo humano.

Aqui o tempo físico flui como um manancial e a humanidade se encontra mergulhada nele sem conseguir segurá-lo. O homem nada pode fazer para apropriar-se do momento, pois não lhe pertence. Faz parte do destino ou da lei de predeterminação, e mesmo que queira, não pode nem tem como mudar.

A segunda referência da frase é a do tempo infinito, imensurável, ao eterno, que não tem começo nem fim. É o tempo que pertence ao divino e que só podemos alcançar pela nossa própria transcendência.

Impropriamente chamado de tempo, o estado de eternidade, o tempo-sem-tempo, em vão tentaram defini-lo os poetas, religiosos, físicos, místicos e filósofos, não encontrando palavras dentro do linguajar humano que pudessem evidenciar seu real significado. O mais próximo que se conseguiu ponderar acerca do assunto, foi pela idéia de Deus, eterno por natureza, sem princípio nem fim, mas que coloca a discussão no campo do virtual, já que sua definição depende da crença de quem analisa o fato.

ensaios sobre o tudo e o nada

Ao falar de eternidade podemos imaginar que o tempo flui de maneira tão discreta que tende ao não-tempo, quer dizer, à sua inexistência real. Neste ponto, a idéia de quietude e permanência surge como figura mais adequada para explicar este raciocínio.

No mesmo momento, surge a hipótese de imaginar como é que algo finito e temporal, como é o homem, pode compreender algo infinito e atemporal, como é a eternidade. Isto gera dúvidas e desesperança.

Por mais longos que sejam nossos devaneios empenhados em resolver esta questão, caminhamos em círculos que vão se ampliando pelo acréscimo de novas experiências, à medida que passa o tempo, o qual já vimos que não nos pertence. E novamente mergulhamos inconscientemente na primeira referência do tempo mencionada anteriormente, o tempo finito.

Finalmente, a terceira referência é a do tempo instantâneo, do dia-a-dia, individual para cada ser em função da organização de sua vida. É o tempo de cada indivíduo e pertence só a ele.

Este é verdadeiramente o único tempo que depende de nós, aquele que podemos manejar e predeterminar em função de nossas atividades diárias. É o tempo do relógio, da necessidade que temos de sermos donos de nossas ações, de cumprir compromissos estabelecidos com anterioridade, de tentar sentir-nos menos finitos e, definitivamente, de apostar em alongar nossa vida física.

Longe de ser uma questão resolvida, o ser humano caminha rumo a algum lugar no futuro, onde a idéia de tempo se torna irrelevante. Se for real ou virtual, finito ou infinito, não tem a menor importância, desde que possamos estar conscientes como unidade individual

ensaios sobre o tudo e o nada

para conhecer o resultado final deste enigma que consome, lastimavelmente, nosso tempo.

Em tempo: Dizem os estudiosos do assunto que haverá tempo, a seu devido tempo, que o homem descobrirá os segredos do tempo.

O VINHO QUE NUNCA TOMEI

Não era muito tarde ainda e quase não havia claridade no ambiente, mesmo sendo verão e o sol só se esconder depois das 20 horas. A luz da lâmpada do abajur da mesinha de canto iluminava o lugar próximo. Estava sentado no sofá de casa relendo um livro pela quarta vez; mesmo tendo uma fileira de uns vinte livros novos para ler, este era muito bom e a cada leitura novos horizontes se abriam para minha mente.

Sem perceber a hora passar, devorava literalmente o livro. O capítulo quinto falava da psicologia humana em tempo de crise existencial e era particularmente interessante porque colocava em claro muitas situações quotidianas que vivia neste tempo. Aprendia muito a lidar com o estresse do dia-a-dia nas mais diversas situações e conseguia acomodar minha vida às perspectivas futuras como se fosse num filme. Podia diagnosticar e planejar a ação conforme a necessidade.

Olhei o relógio de pulso e verifiquei que já era tarde. Marcava 21 horas e era tempo prudente de parar para fazer outra coisa. Pensei em preparar algum lanche e lembrei que havia comprado cogumelos na feira; cogumelos fatiados puxados na manteiga e regados com molho de soja e gengibre parecia uma boa pedida. Mãos à obra!

Enquanto aprontava a iguaria comecei a pensar em que vinho deveria tomar para harmonizar com o prato. Pensei em várias marcas e uvas diferentes e não consegui encontrar uma que satisfizesse minha vontade. Pouco tempo atrás havia concluído um curso sobre vinhos e tinha material suficiente para analisar e escolher

ensaios sobre o tudo e o nada

com destreza e sabedoria qual vinho poderia harmonizar melhor com o prato que estava preparando.

Enquanto pensava, lembrei-me de haver lido sobre a origem dos cogumelos, como haviam aparecido no mundo conforme a tradição oral, como se cultivava e, claro, como se preparava para obter um suculento e delicioso prato.

Como os cogumelos *in natura* nascem e crescem a partir da decadência da matéria orgânica das florestas e aparentemente brotam do nada, sem nascer de sementes como acontece com arbustos e frutos, sempre se tornou um mistério, um questionamento entre naturalistas gregos e romanos, no passado. Os romanos acreditavam que os cogumelos e, principalmente as trufas, eram frutos dos relâmpagos, um presente dos deuses, tratando-os como iguaria. Mesmo assim, lembro que o primeiro relato romano escrito sobre cogumelos falava na morte de uma mãe e de seus três filhos, envenenados por esses fungos. Além do mais, os cogumelos eram usados em rituais religiosos pelos egípcios. Eles acreditavam que as misteriosas estruturas guardavam os segredos da imortalidade. Fungos alucinógenos também teriam sido utilizados por curandeiros de antigas civilizações.

Dentro de todas as variedades conhecidas de fungos comestíveis no país, havia escolhido o Shiitake por ser cultivado por um amigo meu, o que me dava garantia de procedência.

Nesses devaneios estava quando lembrei que enquanto cozinhava o alimento poderia buscar na minha pequena adega algum rótulo que pudesse acompanhar o prato. Abri a portinhola e retirei uma garrafa de um

ensaios sobre o tudo e o nada

Malbec francês; pensei que a fortaleza desta uva faria desaparecer o gosto do meu Shiitake. Devolvi a garrafa e puxei mais algumas até encontrar um Pinot Noir, varietal puro, ano 2010, na temperatura ideal de serviço.

Havia um rose espanhol na adega que poderia combinar também, mas meu paladar estava mais acostumado ao tinto, então o desconsiderei.

Peguei a garrafa escolhida e fui para a sala de jantar. Procurei o abridor de garrafas e o corta-gotas que sempre colocava, depois de haver levado algumas broncas da minha esposa por haver manchado a toalha de mesa com gotas de vinho...

Como acontece nos melhores filmes de terror, justo nessa fatídica hora toca o telefone. Era minha mãe, que liga todos os dias para ter notícias de seu filho, apesar dos meus mais de sessenta anos de idade. Quem poderia negar atendimento a uma mãe tão atenciosa e querida? Disse-me que estava ligando por Skype e eu não atendia, e perguntou por que não ia agora ao computador para me conectar e falar com ela.

Seu pedido é uma ordem, disse a ela sorrindo para meus botões. E lá fui eu, a toque de caixa, sentando frente ao computador e ligando a telinha em questão. Falamos bastante sobre tudo, mas não conseguimos resolver o problema do mundo, como se diz em jargão popular quando se fala sobre nada!

Dei um salto da cadeira ao sentir o primeiro cheiro de queimado, e lembrei que havia deixado o fogo aceso. Sem me despedir, gritei que minha comida estava queimando e corri para a cozinha. A panela de inox estava preta por fora e uma espécie de carvão amassado estava dentro. A fumaça escura subia para o

ensaios sobre o tudo e o nada

teto que estava enevoado e opaco. Desliguei o fogo e com os braços caídos ao longo do corpo, soltos, sem forças, amargurei-me pelo descuido de haver esquecido o que estava fazendo.

Nada mais poderia fazer essa noite. Era tarde e não tinha tempo nem vontade de começar de novo. Olhei para o vinho que estava sobre a mesa posta para o jantar e com pesar decidi não abrir a garrafa; pura raiva!

Lembrei que dentro de pouco tempo haveria a troca de guarda da vigilância do prédio, então, em um ato de pura irracionalidade, peguei a garrafa e levei para o vigilante que estava saindo. Ele olhou perplexo, sem entender, mas expliquei que tive vontade de dar a ele essa garrafa para que tomasse em casa com sua família. Agradeceu e com os olhos brilhantes de pensar em não sei que coisas, pegou sua bicicleta e foi embora.

Quando entrei novamente em meu apartamento o telefone estava tocando. Atendi prontamente. Era minha mãe que, com remorso por haver me distraído, estava pedindo desculpas. Brinquei com ela dizendo que não tinha fome mesmo e que alguns cogumelos a mais ou a menos na minha vida não fariam nenhuma diferença. Pareceu ficar mais tranquila e me desejou sorte e muitos anos de vida, mesmo que pela raiva que passei tivesse perdido uns dez anos.

E como diz o antigo ditado popular, fiquei sem o pão e sem o bolo. Não comi nem bebi nesse dia. Liguei a televisão e coloquei em qualquer programa que tampouco assisti. Quando soou o relógio de parede avisando que era meia noite, desliguei a televisão e fui deitar.

Tampouco consegui dormir.

A VERDADE

Falar sobre a verdade não é tarefa fácil, já que centenas de filósofos, ensaístas, poetas e escritores em geral tentaram esclarecer seu significado. Arrisco ser repetitivo em alguns aspectos, mas é impossível hoje em dia escrever algo absolutamente inédito, que ninguém tenha ousado dizer nem cogitado pensar. Tanto é verdade dizer isto, que as milhares de bibliotecas públicas e privadas no mundo, as editoras mais ocultas e distantes do planeta e a tão falada e utilizada Internet possuem milhares, senão milhões, de definições e explicações para o tema "verdade".

Definitivamente trata-se de saber se existe ou não verdade no sentido literal da palavra e se ela existir mesmo, se é do tipo absoluta ou relativa. A importância deste tema é fundamental para conseguir levar uma vida melhor e mais tranquila e para propiciar paz a todos os seres humanos que se digladiam diariamente por este motivo. Quem já, em são juízo, não defendeu uma posição até as últimas consequências por achá-la verdadeira, chegando até se indispor com amigos, parentes e muitas vezes com o próprio par?

A verdade se torna uma posse que possui quem acha que a tem. Como dizem que a verdade é uma só, então a sua posse nos torna especiais, com o domínio da razão pura e com a sabedoria absoluta sobre o tema da verdade em questão; ninguém pode negá-la nem discordar de nossa posição da verdade, porque isso significaria enfrentar os deuses e se colocar no patamar mais baixo da ciência do conhecimento, pela ignorância do saber. Como é que o outro não se dá conta de algo tão óbvio como é a nossa verdade? Como é que não percebe seu erro?

ensaios sobre o tudo e o nada

Concordar com o outro acerca de matéria diferente desta verdade nos priva automaticamente de sua posse. Passa a ser propriedade do outro que a percebeu primeiro. Se não consigo defender a ideia deste fato, ela própria morre para mim e passa a pertencer ao outro por direito. Quem é que consegue viver sem uma verdade própria? Já pensou andar pelas ruas da cidade e as pessoas olharem para você como um homem-sem-verdade?

Para entender melhor o tema que nos ocupa vamos tentar revisar o nascimento de uma verdade.

No início da vida a verdade aparece por acaso, como exercício de tentativa e erro; não há pensamento nem premeditação sobre ela, mas basta intuir que, por exemplo, o choro nos traz prazeres tais como a comida, a atenção plena, a saciedade, a necessidade básica atendida, etc, então o chorar se torna nossa verdade. Toda vez que sentimos alguma falta, choramos, por não saber expressar-nos de outra maneira e defendemos esta verdade. Isto deixa de acontecer quando nossos pais percebem que temos suficiente capacidade para procurar satisfazer sozinhos estas necessidades, quando aprendemos a falar e a pedir em lugar de chorar, quando definitivamente, começamos a nos tornar independentes.

Nessa fase começa a aparecer o pensamento de forma ainda rudimentar, mas que nos traz uma ideia do que fazer em cada circunstância para ter um lucro emocional. Para isso, inventamos uma verdade que na realidade é uma mentira, mas que nos satisfaz e nos traz como consequência uma alegria artificial, mas que parece verdadeira para quem olha de fora. Quando essa verdade-mentira passa a ser defendida com unhas e dentes, incorpora-se a nós como grande verdade e

ensaios sobre o tudo e o nada

passamos então a acreditar nela como se fosse parte de nossa existência. Criamos desta forma, uma nova vida, emprestada, pela nova verdade que nos possui. Desta forma, minha verdade sou eu. Passo a existir através da verdade que eu fabriquei para me sentir melhor, e quem tentar arrancá-la de mim se torna meu algoz.

Muitas vezes mentimos para ficarmos maiores do que em realidade somos. Como se, para ficar mais alto do que os colegas, usássemos salto alto, ou como se tivéssemos enfrentado medos e situações de terror sem nos abalarmos, aparentemente. Sair sozinho, por exemplo, na silenciosa escuridão da noite tenebrosa e voltar com um sorriso nos lábios, assegurando não haver sentido nenhum temor. Aqui nasce o super-homem que todos pretendemos ser, e a mentira-verdade se presta para afiançar esta idéia. Não tem a máxima que diz que homem que é homem não chora? Quem inventou isso? Homem chora, sim; é muito bom que assim seja!

Então, um tempo depois crescemos e nos tornamos adolescentes, adultos, entramos na dita melhor idade que é uma forma carinhosa e simpática de chamar a velhice, e nos preparamos para deixar este mundo. Se vamos de repente, sem aviso prévio, levamos a verdade-mentira para o túmulo. Não sei se os mortos pensam ou se há outro mundo após abandonarmos este, mas se arrependimento matasse, a imediata percepção das nossas verdades-mentiras nos matariam de novo... mas enfim, como já estamos mortos, nada mais importa. E se temos tempo de pensar antes, se a morte nos dá uma trégua para colocarmos as coisas em dia, tentamos desfazer as verdades-mentiras, pelo menos para nós mesmos. Raramente temos coragem de declarar ao outro que todo o tempo passado vivemos na mentira pela

criação de nossa verdade particular que se fez carne em nós e nos dominou completamente. Álvaro de Campos, no seu Poema em Linha Reta, “...*E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil, Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita, Indesculpavelmente sujo,...*” conseguiu finalmente dizer a verdade aos quatro ventos, embora só tenha existido na mente de Fernando Pessoa que teve que criá-lo para este fim..., outra verdade-mentira?

E se a verdade não existisse? Se tudo fosse mentira ou absoluta falta de verdade? Os bons costumes, a moral, o amor, a amizade, e todo tipo de relação inter-humana estariam fadados ao insucesso. Concebamos por um instante um mundo imaginário onde não existisse a verdade. Ninguém precisaria evidenciar nada para ninguém nem se importaria com a opinião alheia, as leis da física e da química, da termodinâmica, da mecânica, da eletricidade, do movimento, da gravidade, da entropia, dentre outras não aconteceriam da forma em que acontecem, pois a verdade física seria ilusória. Não haveria um padrão absoluto e as coisas funcionariam por integração instantânea. Falamos aqui de verdades universais que independem da vontade humana para acontecer, mas que são incontestavelmente evidentes e determinadas.

Se entendermos por verdade tudo aquilo que acontece e que pode ser reproduzido e verificado, aquilo que definimos majoritariamente como certo, aquilo que convencionamos em ser uma realidade, a mentira como forma de vida e de relação está fora de cogitação.

Mesmo mentindo relativamente, simulando situações, colocando-nos fora da realidade para emplacar alguma idéia que sabemos não ser adequada, a verdade sempre

ensaios sobre o tudo e o nada

prevalece. Eu posso tentar me passar como super-homem, mas na realidade não o sou. Posso tentar inventar uma história de mim mesmo, mas na realidade nunca aconteceu e no fundo é um conto criado com um objetivo espúrio. Posso acreditar ou não na existência de Deus, mas o fato independe da minha crença. Posso depositar esperanças na realização de um desejo e torcer as situações para que ele aconteça de fato, mas de fato, ele nunca existiu de forma independente, só foi criado pela minha ação.

Enfim, tudo o que estou agora escrevendo pode ser certo ou errado, mas a quem interessa? De qualquer forma o objetivo desta conversa é despertar curiosidade para o fato e fazer todo o mundo pensar um pouco.

De verdade!

ENCONTRO COM OS MÚSICOS

Fiquei sabendo do concerto que o mestre musical Nelson Freire estava dando no Brasil, especificamente em São Paulo. Desde pequeno ouço música clássica e aprecio muito os bons intérpretes; então decidi ir e procurei alguém que me acompanhasse para não ficar sozinho e poder comentar os trechos importantes da peça musical.

Quando vi o programa, meu coração deu um salto: Concerto para Piano e Orquestra No. 2 em Do Menor, Op. 18 de Rachmaninoff e a Rapsódia sobre um tema de Paganini, na variação No. 18, do mesmo autor. Particularmente admirava Rachmaninoff pela sua maestria na criação destas peças e não podia perder a função. O Freire morava na Europa e poucas vezes vinha ao Brasil, então a oportunidade era única.

Como vivemos numa época moderna, como bom internauta, entrei no site da Sala São Paulo para verificar dia e hora da apresentação e poder comprar meu ingresso. Devo dizer que ninguém queria me acompanhar, então teria que ir sozinho. Não podia perder o espetáculo por nada deste mundo!

Não consegui acesso à bilheteria pelo que tive que telefonar para perguntar detalhes e efetuar a compra. O atendente, do outro lado da linha, hesitou um pouco pela minha pergunta, antes de responder. Disse-me que os ingressos estavam esgotados desde a semana anterior e que lamentava, mas que haveria outros espetáculos na próxima semana, com outros músicos de peso. Agradei polidamente e desliguei o telefone.

Creio que minha frustração era evidente, pois minha companheira me perguntou se havia acontecido alguma

ensaios sobre o tudo e o nada

coisa. Expliquei o caso e ela me recomendou ter paciência. Disse que iria assim mesmo e que ficaria na porta esperando alguma desistência, pois sempre acontece de alguém desistir em cima da hora.

Lá fui eu num sábado depois do almoço, já que a função era às 20:30 h. e devia antes procurar algum hotel para pernoitar depois do espetáculo. Depois de realizado o check in e deixado a pequena mala de viagem no quarto do hotel, sai em direção à Sala São Paulo e me dirigi à bilheteria. A moça que atendia perguntou o que desejava e lhe disse que meu maior desejo era assistir à peça do Freire. Como já sabia, ela me disse que não havia mais ingressos, mas eu repliquei que esperava que alguém desistisse e pudesse ficar com esse ingresso. Ela me disse que teria em conta meu pedido e que se alguém aparecesse nessa condição reservaria o ingresso para mim. Combinei regressar às 19 hs., pois fiquei pouco à vontade para pedir o seu número de celular para ligar mais tarde.

Caminhei por aí, sem rumo, tomei um café num bar próximo e pontualmente às 19 h. postei-me na porta da bilheteria esperando verificar alguma desistência. A moça me reconheceu e fez um sinal de negativa com a cabeça, sinal que ninguém havia vindo, para minha tristeza. Mas eu não era homem de desistir!

Passada meia hora e vendo que nada acontecia, bolei um plano na minha cabeça, que poderia dar certo. Caminhei em direção da entrada e falei com o guarda que precisava dar um recado ao Nelson Freire. Ele me disse que o camarim dele estava trancado por dentro e não poderia interromper. Disse que era importante e que trazia uma mensagem de uma grande amiga dela, pianista também, e companheira de jornada, chamada

ensaios sobre o tudo e o nada

Martha Argerich. Disse a ele que a Martha iria ficar chateada, mas que teria que entender... Ao ouvir esse nome artístico bem conhecido o guarda me disse para aguardar que veria o que podia fazer.

Dentro d pouco tempo voltou e disse que o Sr. Nelson Freire me aguardava no camarim. Dirigi meus passos para lá ao compasso de meu coração que batia loucamente. Encontrar-me com Freire cara a cara e ainda antes de um concerto, parecia um sonho!

A porta estava entreaberta, mas mesmo assim bati devagar e pausadamente. Uma voz de dentro da pequena sala pediu para entrar. O pianista estava em pé me esperando e quando me viu me deu um abraço e disse para sentar. Perguntou sobre a Martha e eu dei o recado. Sabia que eles não se encontravam há algum tempo e aproveitei para inventar uma historia plausível. Ele me disse que a considerava uma grande pianista, melhor do que ele mesmo. Muito esforçada e de muito brilho interior. Disse a ele que concordava com tudo, menos no que se refere à qualidade do pianista; era muito difícil escolher entre ambos, e ainda de quebra, citei o Daniel Barenboim e o Facundo Ramirez como amigos meus que também tocavam divinamente.

Ele ficou muito entusiasmado por que éramos amigos comuns a todos eles e me perguntou como os conhecera. Disse a ele que em uma outra ocasião poderíamos conversar mais sobre o assunto, que era chegada a hora de ele se apresentar. Perguntou onde estaria sentado e lhe disse que não havia conseguido ingresso. Enfiou a mão no bolso do paletó e tirou um ingresso na plateia, na primeira fila.

ensaios sobre o tudo e o nada

Agradei muito e disse que havia sido um grande privilégio haver conversado frente a frente com ele. Deu-me um cartão com os dados dele e insisti para que entrasse em contato. Mandou abraços para a Martha e para o Daniel, e quando lhe disse que iria a Buenos Aires para assistir o concerto deles, ficou muito alegre e mandou recomendações aos dois.

Saí dali com a sensação de haver estado no céu! Quando percebi que havia mentido um bocado para conseguir este feito, consolei-me pensando que o fim justifica os meios... pelo menos, neste caso. Segui para o saguão principal e o público já estava entrando. Entrei na fila, mostrei o ingresso e me encaminharam para uma porta de acesso na frente do teatro. Sentei na cadeira correspondente e em poucos minutos começou o espetáculo.

Quando Freire entrou, uma ovação com aplausos estrondosos confirmaram a enorme aceitação pública deste grande pianista brasileiro. Antes de sentar-se ao piano, acenou diretamente para mim e levantou um braço em sinal de amizade. Senti-me orgulhoso e corei levemente por causa disso. As primeiras notas melodiosas do concerto ecoaram pela sala e a doce melodia criava estruturas imaginárias pairando acima da plateia; virei-me para um lado e abri os olhos. A música vinda da televisão, no canal de clássicos, deixou-me desconcertado. Mas apesar de haver sido um sonho, estava feliz.

